# SALÃO NAVAL

DE

## MANOEL VAZ

CABELLEIREIRO PARA SENHORAS E MANICURA — COMPLETO SORTIMENTO DE POSTIÇOS

ATTENDE-SE CHAMADOS A DOMICILIO

148 — OUVIDOR — 148

ENTRADA INDEPENDENTE PELA CASA CARMO

Telefone 5107, Norte :: :: :: :: RIO DE JANEIRO

---

**PASTIFICIO MODERNO**

USO BOLOGNA A' TRACÇÃO ELECTRICA

Premiado com Gran Prix e Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Londres em 1914. **Especialidade em massas com ovos** — Tagliarini e cappelletti.

**LUIZ DALL'ORTO** = Successora VIUVA A. DALL'ORTO

***26 e 28, RUA SENADOR DANTAS, 26 e 28*** — Telephone N. 4852 — RIO DE JANEIRO

---

AO PALACIO DAS NOIVAS

FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO E CONFECÇÕES

**Unica casa especial de Enxovaes para casamentos**

Rua Uruguayana, 83 — Rio

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS

Enxovaes para noivas desde 50$000 ao mais rico.

---

**DR. NAGIB COURI**

Cirurgião dentista

Consultas ; Das 8 ás 19 horas

**Rua Visconde Rio Branco, 34 — RIO DE JANEIRO**

---

**PÓ DE ARROZ "DORA"**

**Medicinal, adherente e perfumado. Lata 2$000**

**Pelo correio 2$500**

PERFUMARIA ORLANDO RANGEL

Avenida, n. 140

---

**HYGIENE DA PELLE DO ROSTO**

TRATAMENTO DAS ESPINHAS, EMPIGENS E VERRUGAS.

DESTRUIÇÃO DOS SIGNAES E PELLOS DO ROSTO.

HYGIENE DOS CABELLOS :: ::

*DR. VIEIRA FILHO*

R. da Alfandega, 95, 1º andar.—Das 2 ás 4.

---

**CASA "LEITE"** Artigos para Homens. Especialidade em zephirs, linho e baptiste de linho para camisas e ceroulas. Especialidade em collarinhos, punhos e gravatas inglezas recebidos directamente. Officina de Roupas Brancas sob medida para homens dirigida pelo ex-contramestre da casa MME. COULON : : : : : : :

**LEITE FERNANDES**

**Rua Gonçalves Dias, 47** - 1.º andar - Telephone 1208 - central - Rio de Janeiro

---

**BOAS CORES!**

**Só se consegue usando os bons vinhos Rio-Grandenses da**

**"CASA RIST"** **Rua 7 de Setembro — N. 77 —**

---

Toda a moça e senhora é bonita usando

**PEROLINA ESMALTE**

**Ultima descoberta para o embellezamento da pelle.**

VIDRO 3$000

Vende-se em todas as perfumarias e pharmacias

---

# O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico : : : : : : :

***Rua do Ouvidor 151 - Rua da Quitanda 79*** ( Canto Ouvidor ) ***- Rua Primeiro de Março 53 : : : : : : : Filial : Rua 15 de Novembro 50, S. Paulo.***

O Turf Bolo e mais apostas sobre corridas de cavallos — RUA OUVIDOR 181

# CONFISSÕES DE UMA VIUVA MOÇA

IV

E levantei-me.
Emilio tambem levantou-se.

— Retiro-me, disse elle; e parto com o inferno no coração.

Levantei os hombros em signal de indifferença.

— Oh! bem sei que isso lhe é indifferente. E' isso o que eu mais sinto. Eu preferia o odio; o odio, sim; mas a indifferença, acredite, é o peior castigo. Mas eu recebo resignado. Tamanho crime deve ter tamanha pena.

E tomando o chapéo chegou-se a mim de novo.

Eu recuei dois passos.

— Oh! não tenha medo. Causo-lhe medo?

— Medo? rotorqui eu com altivez.

— Asco? perguntou elle.

— Talvez... murmurei.

— Uma unica resposta, tornou Emilio; conserva aquella carta?

— Ah! disse eu. Era o autor da carta?

— Era. E aquelle mysterioso do corredor do theatro Lyrico, era eu. A carta?

— Queimei-a.

— Preveniu o meu pensamento.

E comprimentando-me friamente, dirigiu-se para a porta. Quasi ao chegar á porta senti que elle vacillava e levava a mão ao peito. Tive um momento de piedade. Mas, era necessario que elle se fosse, quer soffresse quer não. No entanto, dei um passo para elle e perguntei-lhe de longe:

— Quer dar-me uma resposta?

Elle parou e voltou-se.

— Pois não!...

— Como é que, para praticar o que praticou, fingiu-se amigo de meu marido?

— Foi um acto indigno, eu sei; mas o meu amor é daquelles que não recúam ante a indignidade. E' o unico que eu comprehendo. Mas, perdão; não quero enfadal-a mais. Adeus! Para sempre!

E saiu.

Pareceu-me ouvir um soluço.

Fui sentar-me ao sofá. Dahi a pouco ouvi o rodar do carro.

O tempo que mediou a partida delle e a tua chegada não sei como se passou. No logar em que fiquei ahi me achas-te. Até então eu não tinha visto o amor senão nos livros. Aquelle homem parecia-me realizar o amor que eu sonhára e vira descripto. A idéa de que o coração de Emilio sangrava naquelle momeno, despertou em mim um sentimento vivo de piedade. A piedade foi o primeiro passo.

— Quem sabe, dizia eu commigo mesma, o que estará elle agora soffrendo? E que culpa é a delle, afinal de contas? Ama-me, disse-m'o: o amor foi mais forte do que a razão; não viu que eu era sagrada para elle; revelou-me. Ama, é a sua desculpa.

Depois repassava-me na memoria todas as palavras delle e procurava recordar-me do tom em que elle as proferira. Lembrava-me tambem do que eu dissera e o tom em que respondera ás suas confissões.

Fui, talvez, sevéra de mais. Podia manter a minha dignidade sem abrir-lhe uma chaga no coração. Se eu falasse com brandura podia adquirir delle o respeito e a veneração. Agora ha de amar-me ainda, mas não se recordará do que se passou sem um sentimento de amargura.

Estava nestas reflexões quando entraste. Lembras-te que me achaste triste e perguntaste a causa disso? Nada respondi. Fomos á casa de tua tia, sem que eu ainda mudasse do ar que tinha antes.

A' noite, quando meu marido perguntou por Emilio, respondi sem saber o que respondia:

— Não veio hoje.

— Devéras? disse elle. Então está doente.

— Não sei.

— Irei lá amanhã.

— Onde?

— A' casa delle.

— Para que?

— Talvez esteja doente.

— Não creio; esperemos até ver...

Passei uma noite angustiosa. A idéa de Emilio perturbava-me o somno. Affigurava-se que elle estaria áquella hora chorando lagrimas de sangue, no desespero do amor repudiado. Era piedade? Era amor? Carlota... era uma e outra coisa. Que podia ser mais? Eu tinha posto o pé em uma senda fatal; uma força me attrahia. Eu fraca, podendo ser forte. Não me inculpo sinão a mim.

Até domingo.

V

Na tarde seguinte, quando meu marido voltou perguntei por Emilio.

— Não o procurei, respondeu-me elle; tomei o conselho; se não vier hoje, sim.

Passou-se, pois um dia sem ter noticias delle.

No dia seguinte, não tendo apparecido, meu marido foi lá.

Serei franca comtigo, eu mesma lembrei isso a meu marido. Esperei anciosa a resposta. Meu marido voltou pela tarde. Tinha um certo ar triste. Perguntei o que havia.

— Não sei. Fui encontrar o rapaz de cama. Disse-me que era uma ligeira constipação; mas eu creio que não é isso só...

— Que será, então? perguntei eu, fitando um olhar em meu marido.

— Alguma coisa mais. O rapaz faloume em embarcar para o Norte. Está triste, destrahido, preoccupado. Ao mesmo tempo que manifesta a esperança de ver os paes, revela receios de não os ver mais. Tem idéas de morrer na viagem. Não sei o que lhe aconteceu, mas foi alguma coisa. Talvez...

— Talvez?

— Talvez alguma perda de dinheiro.

Esta resposta transtornou o meu espirito. Posso affirmar-te que esta resposta entrou por muito nos acontecimentos posteriores. Depois de algum silencio perguntei:

— Mas, que pretende fazer?

— Abrir-me com elle. Perguntar o que é, e accudir-lhe se for possivel. Em qualquer caso não o deixarei partir. Que achas?

— Acho que sim.

Tudo que ia acontecendo contribuia poderosamente para tornar a idéa de Emilio cada vez mais presente á minha memoria, e, é com pezar que eu confesso, não pensava já nelle sem pulsações no coração.

Na noite do dia seguinte estavam reunidas algumas pessoas em nossa casa. Eu não dava grande vida á reunião Estava triste e desolada. Estava com raiva de mim propria. Fazia-me algoz de Emilio e doia-me a idéa de que elle padecesse ainda mais por mim. Mas seria nove horas, quando meu marido appareceu, trazendo Emilio pelo braço.

Houve um momento geral de sorpreza. Realmente, porque Emilio não apparecia alguns dias, já todos começavam a perguntar por elle; depois, porque o pobre moço vinha pallido de cêra.

Não te direi o que se passou nessa noite. Emilio parecia soffrer, não estava alegre como d'antes; ao contrario, era naquella noite de uma taciturnidade, de uma tristeza que encommodava a todos, mas que me mortificava atrozmente, a mim que me fazia causa das suas dores.

Pude falar-lhe em uma occasião, a alguma distancia das outras pessoas.

— Desculpe-me, disse-lhe eu, se alguma palavra dura lhe disse. Comprehende a minha posição. Ouvindo bruscamente o que me disse não pude pensar no que dizia. Sei que soffreu; peço-lhe que não soffra mais e esqueça...

— Obrigado, murmurou elle.

— Meu marido falou-me de projectos seus...

— De voltar á minha terra, é verdade.

— Mas, doente?

— Esta doença ha de passar.

E dizendo isto lançou-me um olhar tão sinistro que eu tive medo.

— Passar? Passar como?

— De algum modo.
— Não diga isso...
— Que me resta mais na terra?
E voltou os olhos para enxugar uma lagrima.
— Que é isso? disse eu. Está chorando?
— As ultimas lagrimas.
— Oh! se soubesse como me faz soffrer! Não chore; eu lh'o peço. Peço-lhe mais. Peço-lhe que viva.
— Oh!
— Ordeno-lhe.
— Ordena-me? E se eu não obedecer? Se eu não puder?... Acredita que se possa viver com um espinho no coração?
Isto que te escrevo é feio. A maneira por que elle falava, é que era apaixonada, dolorosa, commovente. E eu ouvia sem saber de mim.
Approximaram-se algumas pessoas. Quiz pôr ter á conversa e disse-lhe:
— Ama-me? disse eu. Só o amor pode ordenar? Pois é o amor que lhe ordena que viva!
Emilio fez um gesto de alegria. Levantei-me para ir falar ás pessoas que se approximavam.
— Obrigado, murmurou elle aos ouvidos.
Quando, no fim do serão, Emilio se despediu de mim, dizendo-me com olhar em que a gratidão e o amor irradiavam juntos: — Até amanhã! — não sei que sentimento de confusão e de amor, de remorso e de ternura se apoderou de mim.
— Bem; Emilio está mais alegre, dizia-me meu marido.
E eu olhei para elle sem saber o que responder.
Depois retirei-me precipitadamente. Parecia que via nelle a imagem da minha consciencia.
No dia seguinte, recebi de Emilio esta carta:
"Eugenia. Obrigado. Torna-me á vida, e á senhora o devo. Obrigado! fez de um cadaver um homem, faça agora de um homem um deus. Animo!"
Li esta carta, reli, e... dir-t'o-hei, Carlota? Beijei-a, beijei-a repetidas vezes com alma, com paixão, com delirio. Eu amava! eu amava!
Então houve em mim a mesma lucta, mas estava mudada a situação dos meus sentimentos. Antes era o coração que fugia á razão, agora a razão fugia ao coração.
Era um crime, eu bem o via, bem o sentia; mas não sei qual era a minha fatalidade, qual era a minha natureza, eu achava nas delicias do crime desculpa ao meu erro, e procurava com isso legitimar a minha paixão.
Quando o meu marido se achava perto de mim eu me sentia melhor e mais corajosa...
Para aqui desta vez. Sinto uma oppressão no peito. E' a recordação de todos estes acontecimentos.
Até domingo.

VI

Seguiram-se alguns dias ás scenas que eu te contei na minha carta passada.
Activou-se entre mim e Emilio uma correspondencia. No fim de quinze dias eu só vivia do pensamento delle.
Ninguem dos que frequentavam a nossa casa, nem mesmo tu, póde descobrir este amor. Eramos dois namorados discretos a ultimo ponto.
E' certo que muitas vezes me perguntavam porque era que eu me distrahia tanto e andava tão melancolica; isto chamava-me á vida real e eu mudava logo de parecer.
Meu marido sobretudo parecia soffrer com as minhas tristezas.
A sua solicitude, confesso, incommodava-me. Muitas vezes lhe respondi mal, não já porque eu o odiasse, mas porque de todos era elle o unico a quem eu não quizera ouvir destas interrogações.
Um dia, voltando para casa á tarde, chegou-se elle a mim e disse:
— Eugenia, tenho uma noticia a dar-te.
— Qual?
— E que te ha de agradar muito.
— Vejamos qual é.
— E' um passeio.
— Onde?
— A idéa foi minha. Já fui ao Emilio e elle applaudiu muito. O passeio deve ser domingo á Gavea; vamos daqui muito cedinho. Tudo isto, é preciso notar, não está decidido. Depende de ti. O que dizes?
— Approvo a idéa.
— Muito bem. A Carlota pode ir.
— E deve ir, accrescentei eu; e algumas outras amigas.
Pouco depois recebiam tu e outras um bilhete de convite para o passeio.
Lembras-te que lá fomos. O que não sabes é que nesse passeio, a favor da confusão e da distracção geral, houve entre mim e Emilio um dialogo que foi para mim a primeira amargura de amor.
— Eugenia, dizia elle dando-me o braço; estás certa de que me amas?
— Estou.
— Pois bem. O que te peço, nem sou eu que te peço, é o meu coração, é o teu coração que te pede, um movimento nobre capaz de nos engrandecer aos nossos proprios olhos. Não haverá um recanto no mundo em que possamos viver, longe de todos e perto do céo?
— Fugir?
— Sim!
Oh! isso nunca!
— Não me amas.
— Amo, sim; é já um crime, não quero ir além.
— Recusas a felicidade?
— Recuso a deshonra.
— Não me amas.
— Oh! meu Deus, como respondel-o? Amo, sim; mas desejo ficar a seus olhos a mesma mulher, amorosa, é verdade, mas até certo ponto... pura.
— O amor que calcula, não é amor.
Não respondi. Emilio disse estas palavras com uma expressão tal de desdem e com uma intenção de ferir-me que eu senti o coração bater-se apressado, e subir-me o sangue ao rosto.
O passeio acabou mal.

*(Continúa).*

# O CASAMENTO ENTRE OS BARBAROS

Entre os latinos, não se podia contrahir matrimonio sem ter offerecido antes aos deuses supplicas e sacrificios purificatorios.
Entre os gregos e romanos, para essa solemnidade, que se ligava á felicidade domestica, aos interesses da patria, não se lançava mão nem das brancas pombas, nem da novilha, nem do touro ainda livre do jugo para as immolações nos altares. Era preciso uma victima expiatoria que representasse a mancha, a impureza, e o immundo porco era escolhido para esse sacrificio.
Si das cidades gregas e italianas, passamos para a choça do barbaro e para a choupana de ramos de arvores do habitante de Oceania, na ausencia das canephoras, dos paranymphos, do sacrificio e do epithalamio, nós vemos ainda usos cuja significação ultrapassa o que ha de mais grosseiro.
Os insulares de Cadiak, que não conhecem nem presentes de nupcias, nem musicas, nem festins, nem deusas, seguem, entretanto, nessa occasião, um rito sagrado cuja origem já se perdeu de memoria.
Antes que o dia dissipe a felicidade da primeira noite nupcial, escapa-se furtivamente, no meio das trevas, e váe cortar na floresta uma arvore rara e difficil de ser encontrada, para com a sua lenha aquecer a agua purificadora em que o novo par deve, antes de apresentar-se aos de casa e conhecidos, fazer as suas abluções.
Entre os mais brancos dos habitantes oceanicos, na Australia, a cerimonia final do matrimonio realiza-se dolorosamente. A palavra de amor escapa-se de uma bocca ensanguentada; a noiva expia pelo soffrimento e pela perda de sua belleza, o direito de tornar-se mãe, supportando a extracção dos dois dentes superiores caninos.
As antigas nações da Asia que, pela primeira benção, esperavam um grande numero de filhos e viam na esterilidade do casamento um castigo, obedecendo a uma ordem sobrenatural, solemnisavam o hymeneu por meio de penitencias, expiações e cerimonias purificadoras.
Na China, as macerações e o jejum preparam tristemente os esposos para a felicidade nupcial
Na Tartaria, depois das disposições purificadoras, as abluções, vem a uncção com a propria substancia da mais pura offerenda, sahindo os esposos em perigrinação expiatoria.
Entre os Hindús, as fórmas purificatorias são augmentadas nessas occasiões. Habitos cuja rigorosa e barbara rigidez attestára a Reprovação Primitiva, foram voluntariamente postas em olvido; mas a léste de Messour, uma tribu guarda ainda as dolorosas praticas da primitiva instituição. A mulher que casa sua filha mais velha deve expiar com o proprio sangue essa perpetuidade da mancha do peccado original, supportando a amputação dos dedos annullar e médio da mão direita.
Si, por acaso, a mãe da noiva já não existe, será o pae a victima dessa pratica barbara ou um parente muito proximo.

# Jornal das Moças

## Bilhetes Postaes

**A' Dulce**

Embora não me ames, deixa que eu traga unida a mim a consoladora esperança... e o que torna sensivel as fibras do coração: o teu nome gravado na lousa do jazigo de meu peito...

*Azule.*

**A quem eu amo**

A vida só é calma quando se desconhece o amor; só é bella e feliz quando se ama e se é amada.

*Luzia M.*

**A F. C. D. (586)**

Vejo-me só! Tu que eras á minha alegria, o meu sonho ridente, onde estás? Chamo-te mas em vão; não podes responder-me, estás longe? Quantas vezes em noites mal dormidas vejo o teu semblante á me sorrir, promettendo-me novas felicidades e então eu estendo a minha mão para apertar a tua num impeto de amor, mas... acordo e só vejo a escuridão da noite que mais enluta o meu coração.

Sampaio.

*Mariazinha.*

**Ao J. Goulart.**

O tumulo é o amigo mais digno para quem ama, como eu que amo sem ser amada.

Nictheroy.

*Quita.*

**A' alguem**

Procurando na estrada torturada do amor um abrigo, encontrei um unico: o teu coração! E assim, jámais o deixarei, pois sem elle a minha vida será mui penosa.

*Noemia Pereira da Silva.*

**Ao Maninho**

E' bem maguada a dor do desprezo para um coração que ama verdadeiramente.

— —

A esperança é o lenitivo das almas bem formadas, cujos corações se amam sinceramente.

*Walkiria Braga.*

**Ao sympathico Ascanio A.**

O teu coração é um sacrario, onde se acha depositado o segredo do nosso amor.

*Ciumenta.*

**Ciremo**

O ente que é amado verdadeiramente, não pode ser esquecido pela pessoa que o ama.

Assim, jamais serás olvidado pela tua

*Cyreta.*

**CIUMES**

**Ao M. G. P.**

Ciume é um sentimento,
Que faz a todo o momento
O coração palpitar.
Por isso agora aqui venho
Dizer: si ciume tenho,
E' só por muito te amar.

Rio.

*Mercedes Pereira.*

**A' *****

No recondito do meu triste e amargurado coração, só encontro uma palavra que exprima a dor que o devora — Saudade.

*Tristeza.*

**Cleria.**

O amor é um sentimento, que traz comsigo a santidade augusta das recordações.

*A. G. A.*

**RESPOSTA**

**Ao Doly.**

Alem dos microbios, existe o verme: que é o caracter do homem que quer ser amado sem ter ventura.

*Helena.*

**RESPOSTA**

**A' amiguinha Elvira R.**

Pédes-me para dar-te uma explicação e perguntas-me qual é o veneno temperado que não mata. O veneno temperado que não mata — é o amor! Nas paginas de um coração é contra veneno e a esperança é tempero na mesma fibra do coração.

*Bibi.*

**A' Jorge Guimarães**

A ingratidão sendo aquillo que mais fére uma alma nobre é a maior monstruosidade da natureza.

Ella é a porta por onde sahem aquelles a quem o reconhecimento embaraça.

*Hilda M.*

**Ao Everardo Saraiva**

Quando a ingratidão da mulher amada fére o nosso coração, fazendo estalar, uma por uma, dolorosamente, todas as cordas sensiveis da nossa alma, o Ideal, esse sonho doce que o nosso espirito acalentava, evola-se para as paragens desconhecidas do Nada, deixando em noss'alma o vacuo impreenchivel que é a — Desillusão.

**A' minha futura noiva**

Os teus labios são o buril que grava no meu coração as palavras que proferes.

*Hess de Cahó.*

**Ao Tote Hudson.**

O beijo é o primogenito do amor. Fructo da paixão que incendeia dois corações que se comprehendem, elle, ao nascer, acaricia com suas azas de velludo os labios resequidos dos amantes e desce aos mais intimos refolhos de suas almas, onde accorda um suspiro de prazer e de satisfação que lhes afflora aos labios e desapparece no infinito, levado pela brisa.

*L. P.*

**AMAR!**

**Para o bello e extraordinario talento de Paulo de Gardenia.**

Quizera ser uma dessas moças chics, que frequentam a alta sociedade, para conhecer pessoalmente o joven Paulo de Gardenia. Conheço-o apenas pelo retrato. Oh! que joven sympathico. Diz Casemiro de Abreu que a sympathia é quasi amor; realmente o é.

Fallando com franqueza, amo-o, amo-o mesmo sem conhecel-o; amo-o pelo retrato. Sim, elle não me conhece, porem, digo e repito—amo-o, amo-o de todo o meu coração.

Elle com certeza terá a sua eleita, pela certa, pois um moço bonito e intelligente, que frequenta a sociedade não estará devoluto.

Ah! se elle me conhecesse e correspondesse ao meu amor, como eu seria feliz!

Quem será a felizarda senhora do coração de Paulo de Gardenia?

......................................

Longe, bem longe, meu coração será teu, só teu.

Amar, amar, consiste nisto a vida.

Feliz de quem ama e é correspondida.

*Uma apaixonadissima.*

**A' senhorita A. Dourado.**

Assim como corre na alma de um justo a pura e immaculada consciencia, corre tambem em minhas veias o verdadeiro sangue do amor.

Ponte Nova.

*Arlivo.*

**Para a Carlota**

O meu coração é um escrinio onde se guarda o teu amor. A minha alma um espelho em que se reflecte a tua linda imagem.

*Luzia.*

**M. N. A.**

Fé! feliz de quem a tem fervorosamente em Deus, porque todos os soffrimentos lhe serão suavisados.

Fé! palavra que nos fortalece a alma e nos dá alento para resignadamente soffrermos todos os revezes da vida.

*J. O.*

**Ao meu adorado Alvaro.**

Querido, peço-te muito que não faça soffrer a tua Minda mais do que é; além de eu te demonstrar tanta sinceridade no meu amor ainda queres maguar-me com o teu malicioso desdem? Eu sim é quem tenho queixas de ti e soffro em silencio, resignadamente.

Diz-me, por piedade, que mal te fiz e se não acreditas na pureza e sinceridade dos meus affectos.

*Hermelinda M. C.*

**Ao joven O. e á senhorita C.**

Amam-se! Eu sinto-me satisfeita depois que os dois jovens sympathicos viram-se e amaram-se. A cada momento que os vejo um ao lado do outro, minha alma sente-se feliz e venturosa e então imploro a Deus para que essa amizade seja eterna.

*Uma admiradora.*

**A' mlle. S. Carvalho**

Completamente dispensavel é confessar-se: "eu te amo", si todos os pensamentos, todos os actos só significam, só dizem: "eu te amo". Contra acções não ha verbo, nem sophismas por melhores que sejam.

*Deprym.*

**A' alguem**

A esperança é o balsamo divino que suavisa as dores dos nossos corações. Que seria de nós si não fosse a esperança? Morreriamos ao primeiro sopro da desventura. Sómente a esperança nos dá alento para supportarmos tão cruciante existencia.

*Floriana.*

**SCISMANDO...**

**A' B.**

A noite desce, e noite assim, tamanha
Não sei que já baixasse á triste solidão!
O mar, ao longe, dorme; e a brisa da montanha,
Traz dos montes aroma e escuridão.

No céo nem uma estrella. O proprio abysmo chora
A' esposa de entrever um raio de luar;
E' noite, emfim, na terra; em sua fonte aurora;
E' noite, na minh'alma, é dia em seu olhar!

*Arminio de Lima.*

Rio, 12-IX-15

**Ao Doly P. Sá.**

Triste de quem conhecer-te e se deixar levar pela tua labia, porque encontrará caminhos cheios de lancinantes espinhos, e uma vida cheia de amarguras. O teu amor é como uma fita cinematographica.

*Helena.*

**A' Mlle. Luiza Cunha.**

Uma amiga terna e constante é uma joia de incomparavel belleza, e quem a possue deve trazel-a encerrada no escrinio sagrado que se chama o coração.

S. Christovão.

Tua amiga

*Bibi.*

**A' alguem**

Dois corações que amam não conhecem a palavra — impossivel.

S. Christovão.

*Amor perfeito.*

**A' gentil Mlle. Themi**

Assim como os passarinhos encantam com os seus gorgeios tu me encantas com a tua gentileza e bondade.

Tua amiga.

*Abigail*

**RESPOSTA**

**Ao amor de Principe**

Quando o amor é verdadeiro o esquecimento é impossivel.

*Amor de mascara.*

**A' M. F. A.**

O meu amor por ti é tão immenso que não sei explicar; no entanto quando penso que não me tens amor, fico triste, pois vejo que não sou correspondida como era o meu ardente desejo.

Por que razão? Como és máo para aquella que te ama com sinceridade.

*A. M. P.*

**A' Luiz Cavalcanti**

Orphão! — ave implume que perdida na floresta de pungentes soffrimentos e açoitada pelo furacão da adversidade chora em voz plangente saudades de seu ninho.

*Zoló.*

**Ao A. de Moraes**

A indifferença é a arma com que mais cruelmente se fére o coração que ama sinceramente.

**Ao José Ernesto Ferreira**

O unico amor puro, sincero e duradouro é o amor de mãe.

Barbacena.

*Alram Lenar.*

**SAUDADE**

**A' boa irmã Menininha**

Recordar um passado feliz é augmentar os soffrimentos para os que se acham separados; é tão bom o esquecimento! Quantas vezes nós estamos padecendo, mas padecendo muito, e procuramos um lenitivo para suavisar este padecer e não encontramos? Vindo, porem, o esquecimento, sentimos o alivio necessario a lenificar a nossa dor; ha porem recordação que junto á esperança, nunca nos faz esquecer um passado ditoso.

Saudade! irmã da recordação, e como companheiras, as trago commigo, soffrendo, mas feliz com esse soffrer.

Rio. Fortaleza de S. João.

*Paulo de Mattos.*

**NOIVOS**

Que par ditoso aquelle,
Que vida airosa e bella:
Ella pensando nelle
E elle pensando nella.

O seio delle estúa
Repleto de prazer
Quando ella diz — sou tua,
Sou tua até morrer.

*E. J. Pinto.*

**A' Etelvina**

O coração para os naturalistas não é mais que um musculo ôco situado no peito. Para os amantes elle é muito mais sublime! E' o conselheiro fiel para as suas tristes magoas.

*I. Cavalcanti.*

**A' elle.**

E' mais facil as ondas do mar deixarem de voltar á praia do que o meu coração deixar de te amar.

*Elzinha.*

**Ao Orlando.**

Se amar fosse loucura, o mundo seria um hospicio.

Botafogo.

*Elza J. Nascimento.*

**Ao A.**

Saudade! pequena florinha que symbolisa a tristeza que experimentamos quando estamos separadas duma pessoa a quem dedicamos sincero amor.

S. Christovão.

*Anilet.*

**Diamantes e flores**

Julgam sempre os amantes
Que as flores valem mais que os diamantes;
Porém veem extinctos os amores
Que valem mais amantes do que flores.

*Campoamor.*

**Ao joven René Galvão**

Se me vires morta algum dia, abre com todo o geito o meu coração: verás que em suas fibras mais sensiveis persistirá a tua imagem amada pelo amor que te devoto. Não a retires: consente que eu a leve commigo dentro desse santuario modesto.

***

**A' maestrina E. M.**

Amar sem ser correspondido é passar na vida pelo maior dos dissabores e sentir da morte o mais funereo golpe.

*A. da Silveira Bulcão.*

**A' quem me comprehende.**

Recorrendo escrupulosamente ao archivo de minha consciencia, que é a minha biblia, nada encontrei que me culpasse de haver, nos meus dias, enganado a quem quer que, sobre qualquer pretexto, de mim se haja approximado.

*Olivia.*

**Para quem eu sei**

Dores, existem muitas, mas a dor que nos faz soffrer mais amarguradamente é a ingratidão.

Aquelle que é ingrato nunca foi sincero e nem sentiu pulsar em seu coração o sentimento de amizade e só sabe illudir a boa fé das almas ingenuas.

Campos.

*Alzira V. T.*

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

*PAGAMENTO ADEANTADO*

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro. As importancias das assignaturas e toda a correspondencia devem ser dirigidas aos editores Turnauer & Machado.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1366

# CHRONICA

A PRIMAVERA! Eil-a que acaba de irromper com seu cortejo de flores e de dias cálidos numas manhãs cheias de nevoeiro.

O Brazil central e nortista, pela sua disposição geographica e atmospherica, não conta, como em quasi toda a Europa e mesmo em algumas republicas sul-americanas, esse merencorio e silencioso cahir de folhas, esse outono sombrio, que prepára a terra para o lençol branco do inverno fecundante.

Entre nós, essa risonha estação do anno, por nós saudada, por um irrisorio arremedo do que se passa nas plagas européas, como a época do grato e doce florilegio das mattas, campos e jardins, cheios da viva florescencia dos ramos em rebentos novos, não passa da guarda avançada desses torridos dias caniculares, dessas noites asphyxiantes, passadas ao relento ou de portas e janellas abertas, afim de que se não morra liquifeito, pela abundancia da secreção cutanea produzida pelo calor.

Emquanto, em outras terras, o desdobramento das flores e dos novos rebentos de um verde lavado e encantador, a todos convida para o goso feliz da exitencia, sem duvida porque o homem, producto da terra, se sente tambem rejuvenescido com esse palpitar de vida e com os naturaes adornos com que essa mesma terra se apresenta para a grata Alleluia da Primavera, entre nós, tristes sem duvida por essa eterna persistencia com que a terra se arreia sempre do mesmo inimitavel manto de folhas verdes, sem a fecundação proveitosa desse humos vigoroso que surge de sua queda, só damos por esse festivo acontecimento annual pelo que se passa, em época que absolutamente não lhe é correspondente, nos paizes européos.

Habituaram-se os nossos poetas e os nossos escriptores a descrever scenas naturaes, em relação ás estações do anno, com o mesmo rigor e a mesma belleza, com a mesma vehemencia de tons, quer se trate da desoladora e frigidissima passagem do inverno, amortalhando a terra em torno num estendal de blocos de gelo, quer a abrindo em flores e em fructos, ante os radiosos e fagueiros risos de Flora e de Pomona.

Mas quem deseja cingir-se apenas á fraca expressão da realidade, relativamente a esses phenomenos astronomicos, não poderá de modo algum sentir titilações alacres de goso, senão pela risonha e empolgante espectativa desses milheiros de cigarras que trazem sempre e indefectivelmente, nesta estação, ás nossas mattas e florestas, o guiso e a fanfarra festiva de suas notas estardalhantes.

E' verdade que, com a chegada dessa alva e romanesca fada do anno, vae apparecer a série dos dias quentes, cheios de sol e de vida. As nossas praias vão encantar-se com o movimento e a presença do que ha de mais gentil e mais bello por entre as nossas formosas patricias e leitoras.

Si não temos, portanto, o doce palpitar, a viva irradiação, a fecundante exhuberancia com que a Primavera saúda, em sua apparição, as regiões européas, contentemo-nos com esse estimulante de sol e de pureza de céos com que ella desabrocha entre nós, trazendo, com a tradição de seu nome, uma alluvião de sonhos acalentadores e felizes.

## CARTAS DE AMOR

### Incomprehensivel Niêta

Em honra a ti, eu tinha, aberto, o sumptuoso altar das Supremas e ideaes concepções de Amor, com o aureo hostiario transbordante de beijos, que tu commungarias um dia...

E tu regeitáste-o... e, então, nunca mais, nunca mais as portas d'oiro, do templo da minha ternura, se abriram!...

Attenta, minha Estrophe d'oiro, escutaste já, de manso, atravéz da gaze diáphana que encobre o mysterio das almas, algum dia, uma dôr que não fala, mas que é eloquente nessa mudez que aterra?

Tu não sentes, tu não comprehendes o verdadeiro e santo amôr, porque tu não comprehendes os supremos sacrificios que redimem, a angustia tremenda que repurifica o sêr na grande força espiritualisante da Dôr!...

Uma angustia assim, uma angustia que forma o centro genesico do novo infinito de uma nova e infinita dôr; uma dôr que de tanto ser dôr, perdeu já o entendimento de o ser tomou outro caminho em busca de uma outra dôr mais cruciante, que venha ao seu encontro; uma dôr que, com vozes vivas, fala por boccas mortas, que interpréta tanta queixa do coração; uma angustia assim, uma dôr assim, é a minha dôr eterna, é a minha vida e é o meu amôr!

E todo este soffrimento, e toda esta dôr, porque não ha resposta a esta pergunta horrivel: porque me abandonáste assim? Porque, tu que cantas a ineffavel poesia dos corações, te revóltas contra os nirvanescimentos e archangeliomos da minha fantasia?!

Ah! tu não sabes o que me vae, agora n'alma!

Desde áquelle dia, que em minh'alma, um sino badála, pungentemente, dobra de luto, dobres agudos de uma Ave Maria maldita, de agonias...

Desde áquelle dia, no meu céo de fantasia, uma lua, parecendo uma velha e espectral feiticeira nas trévas, dansando diabolicamente, cantando hymnos agoirentamente negros, chora lagrimas amargas...

E de quando em vez, corta aquelle céo, em direcção aquella lua, um soluço selvagem e medroso, como ballada negra que parecesse prece nas azas de um anjo elevada a Deus...

Ah! Niêta! Esta alma, que era outr'ora, uma gargalhada de victoria que zombava do mundo, transformástes n'uma outra alma incarnada n'uma dôr desconhecida, que chóra convulsivamente um pranto angustioso, rezando litanias lugubres e rezas barbaras...

Quando este sino que, em minh'alma, dobra agoniado, ha de planger festivamente?

Quando esta minha bocca que chóra amargamente, ha de alvorar em risos crystalinos, diante de ti, meigamente, docemente?...

Vamos! responde-me, alma eleita, sacrosanta apotheose da meiguice, alma aureolada de deslumbramentos brancos do lyrio da candidez!

Emquanto hesitas, beija-te a fimbria do vestido o teu

*Beléo.*

As Senhoritas Adelia Marafelli e Cotinha Villela da Costa Pinto, residentes em Lavras.

Tharcilla Henriques, Pedrinha Gonçalves e Aracy Henriques, residentes em Natividade.

## A LIBERDADE FEMININA

Ser livre! Respirar numa athmosphera menos pezada, onde minh'alma sonhadora possa haurir com deleite os effluvios vivificantes da liberdade, eis o sonho da minha mocidade, o estimulo da minha existencia. Sou muito moça, o meu futuro é ainda um mysterio indecifravel como a esphinge egypcia, mas eu renunciaria á esse futuro, renunciaria a vida, se um só momento temesse o desmoronamento do ideal que aspiro, que se torna mais forte a cada dia que passa, mais bello a cada sol que se succede, mais seductor a cada hora...

O meu ideal é o meu idolo, erguilhe no adyto de minh'alma um altar onde lhe faço a oferenda de minhas mais caras esperanças.

Não sou a *suffragette* vulgar que não sabe gozar a liberdade, que deseja e lança mão de meios reprovaveis para conseguir o seu ambicionado fim.

Sou a feminista que reclama os direitos que tem, como todo ser racional, á liberdade de acção e de pensar. Só quem vive sob o regimen abominavel da tyrannia, póde comprehender o valor da magica palavra liberdade. Que o digam esses desgraçados que a justiça humana condemna á enxovia: que o digam as nações que vivem sob o jugo despotico de outra, que o descrevam as mulheres jungidas á vontade do homem, accorrentadas ao seu fero egoismo, escravisadas á sua vaidade, sem razão, sem direito, sem vontade propria e sem valor.

Eu quero a liberdade, desejo-a ardentemente como um pae deseja a felicidade d'um filho, como o faminto deseja o pão, como o cégo almeja a luz.

Eu me julgo assás forte para repellir a tutella do homem, eu não o quero como elemento de vida; tenho animo bastante para caminhar por mim mesma, sem a afrontosa ajuda que o seu egoismo e a sua vaidade nos offerecem. Bem sei que o meu ideal é gigantesco e será difficil alcançal-o, mas máo grado tudo não recuarei um passo, proseguirei sempre, cada vez com mais ardora combater pela minha causa e se a morte me colher no frenesi da luta, levarei para o tumulo a satisfação de haver dado a vida em holocausto ao meu ideal, que é justo e é nobre como a justiça, como a nobreza mesma.

Rio—30—6—915.

***Amazile Corimbaba.***

◇◇◇

## MAXIMAS DE CASAMENTO

Quem casa com militar
Tem bastante que aturar.

Quem casa com embarcadiço
Vive sempre em reboliço.

Quem casa com estudante
Dá prova de extravagante.

Quem casa com caixeiro
Vive ao pé do candieiro.

Quem casa com negociante
Tem uma vida ambulante.

Quem casa com carpinteiro
Soffre falta de dinheiro.

Quem casa com alfaiate
Não ha nó que não desate.

Quem casa com sapateiro
Quasi nunca tem dinheiro.

Quem casa com escrivão
Traz pulga no coração.

Quem casa com demandista
Nunca mais levanta a crista

Quem casa com soldado
Fica logo em máo estado.

Quem casa com italiano
Leva a cantar todo anno.

# O ANNEL NUPCIAL

Ha periodos do anno em que os casamentos se tornam mais frequentes. Na Europa esse facto se verifica na suave estação outonal. Lembraremos as curiosas inscripções que outr'ora eram gravadas nos anneis nupciaes.

Nos nossos tempos prosaicos, tem sido desdenhado esse uso gracioso, porquanto, se a offerta do annel não desappareceu dos costumes, não se gravam, em geral, na sua parte interna, mais do que as iniciaes do nome dos esposos, com a data do consorcio. Antigamente, porém, os noivos não se limitavam a ter no annel um nome ou as letras que o indicassem: mais expansivos e mais romanticos, inscreviam no citado objecto um pensamento que traduzisse os seus sentimentos.

Numa grinalda de lyrios e margaridas, S. Luiz, Rei de França, mandou gravar: "Hors cet anel point n'ay d'amour". "Deus me guie na minha escolha" era uma inscripção bastante vulgar nos anneis nupciaes.

Succede, porém, que essa escolha não fosse inspirada por Deus, mas por considerações de outra ordem.

O Rei da Inglaterra, Henrique VIII, que se casou com Anna Bolena, e no seu annel trazia estas palavras: "God send me well to keep", certamente não se submetteu a esse dictame. Tres annos após, a rainha era decapitada, e o soberano inglez se casava successivamente com mais quatro mulheres, aquella tendo sido a segunda.

Na Inglaterra predomina, principalmente o uso dessas inscripções. E nos museus britannicos são numerosos os objectos dessa natureza.

O pensamento mais commum é o da perpetuidade do amor. "Endless my love, as this shall prove" (Sem fim o meu amor, como este (annel) demonstrará"; "Death nevers parts, Such loving hearts" (A morte nunca separará corações tão amantes); "In love abide, Till death divide" (Amar-te-ei até á morte); "Till death us depart" (Até que a morte nos separe); "Till my life's ende" (Até ao fim da minha vida); "True love will never remove (O verdadeiro amor não se dissipará nunca) e, tambem, pleonasticamente: "For ever and for aye" (Para sempre e para sempre).

A gentil Eddy Florenzano, distincta professora do Grupo Escolar de Lavras

Outra idéa muitas vezes repetida nessas inscripções inglezas é a da união desejada por Deus: "Jolinad in one by God alone" (Unidos em um sómente, por Deus); "God did decree this unity" (Deus decretou esta união).

Alguns exprimem simples desejos: "Live happy" (Viva feliz); "Joy be with you" (A alegria seja comvosco; "Live to love, to live" (Viva para amar, ame para viver).

Não faltam exhortações um tanto egoistas: "Love and respect I do expert" (Espero de ti amor e respeito); "When this vou sec, remember me" (Quando olhares este (annel), pensa em mim).

Mlle. Violeta C. Mattos

São abundantes tambem as inscripções que traduzem um conceito pratico: "Silence ends strife with man and wife" (O silencio corta toda a questão entre marido e mulher); "Mutual foubearance" (Indulgencia reciproca); "In olving thee y love myself" (Amando-te, amo a mim mesmo).

Eis, emfim, alguns dos varios generos:

"A heart content can never repent" (Um coração contente não se póde arrepender); "Truth thieth, troth" (Verdade, felicidade, realdade); "All for all" (Tudo por tudo).

Como inscripções francezas antigas, lembrariamos: "Tout pour vous"; "Joye sans cesse"; "Dieu vous garde"; "En bonne foye"; "De bon cor (XIV° seculo).

Na Allemanha eram muito usadas as duas seguintes: "Got bwar uns beid in Lieb und Leid" (Deus nos guarde e nos sustenha em amor e talerancia) e "Treu und feste" (Fiel e solido).

Na época do Renascimento italiano, esse uso era pouco vulgarisado na Italia, onde as raras inscripções em enneis nupciaes se faziam em grego ou em latim.

Gravavam-se letras A E I, que formavam uma palavra grega com a significação de "sempre" ou estas duas phrases latinas: "Post spinas, palma" (Depois da lucta, a victoria) e "Quos Deus conjunxit, homo non separet" (O homem não separa os que foram unidos por Deus).

Os antigos romanos usavam no annel uma simples palavra: Ave, Pax, Salve, etc. Não obstante o luxo, o annel nupcial era sempre de ferro; e esse costume se manteve na idade média. Comtudo, na época de Dante, já assim não se praticava, porquanto o grande poeta, diz: "Disposta m'avea con la sua gemma".

Recordemos, a titulo de curiosidade, que o habito de trazer o annel no quarto dedo não se deriva de uma simples commodidade.

Desde remotas éras as esposas egypcias e gregas nesse dedo o collocavam, porque, segundo a anatomia daquelles tempos longinquos, ahi passava uma veia que communicava directamente com o coração. A anatomia mudou os seus ensinamentos, mas o uso persistiu.

Digamos, para concluir, que, entre as velhas populações anglo-saxonias, no acto do casamento o esposo enfiava o annel no dedo pollegar da esposa, dizendo: "Em nome do Padre"; depois no indicador, continuando: "do Filho"; em seguida, no médio, accrescentando: "e do Espirito Santo". Finalmente collocava-o no annullar, terminando: "Amem!".

# A morte do Poeta

Poeta! Quem não deseja ser poeta? Quem não admira as bellezas scintillantes que o poeta tira das profundezas do seu Eu?! Quem não almeja fazer um versinho ao seu bem amado?

Infeliz! O poeta vive e morre de amor! Não ha quem não o aprecie. Elle canta as bellezas da natureza, cujas phrases honram albuns sem numero. Elle passa noites de insomnia procurando desvendar um mysterio de amor, que a sua intelligencia não quer revelar! Mas o poeta é muito desgraçado, elle é geralmente pobre e a sua morte, que deveria ser honrosa, é quasi sempre um martyrio; a miseria, o suicidio ou o assassinio é o fim do poeta. Elle nasceu para encontrar os gemidos, desde os mais festivos até os mais tristes e sonhadores.

Que desoladora noticia é a morte dum poeta! As suas phrases assemelham-se aos accordes da lyra, que fazem animar as proprias cruzes inertes! A sua alma inspirada, antes de remontar ás regiões do Desconhecido, vive a encher tudo da mais doce harmonia, como a ave dos nossos sonhos.

As gerações curvadas á grandeza dos seus soffrimentos e delirios, vão atravessando atravéz os vultos heroicos que desde a poesia até o romantismo são victoriosos. Mas, infelizmente, só o torturante desalento vem servir de estorvo aos anhelos de sua conquista sonhada, fazendo soar aos ouvidos a nota lugubre dos seus ultimos carmes.

Que noticia desoladora a morte do poeta!...

**Elza G. N.**

# A FORTALEZA FEMININA

(Trad. do hespanhol)

EU tinha as minhas duvidas sobre qual dos sexos era mais forte, si o masculino, si o feminino.

Eram fundadas essas duvidas nos factos por mim diariamente observados em relação á fraqueza dos homens: governantes que não podiam resistir á tentação das alturas; juizes que prevaricavam, sacerdotes que sacrificavam o serviço da religião aos seus interesses politicos, artistas que sacrificavam o seu genio nas aras do mau gosto; via serem escalados os postos publicos mais elevados com servilismos de famulas e docilidades de mulheres faceis.

Moralmente, dizia a mim mesmo, o imperio da força está perdido para os homens.

E si do terreno individual elevava as minhas observações para o campo de experimentação dos povos, representados pelos cidadãos, via reflectir-se nestes todos as mesmas deprimentes debilidades.

Devido a ellas, triumphavam nos pleitos eleitoraes os candidatos mais venaes e ineptos, o que constituia a causa unica das grandes desgraças nacionaes.

A actual conflagração européa não representa nada mais nada menos que a covardia dos povos que se deixam morrer por não se atreverem a matar a quem deu ensejos á guerra.

Individual e collectivamente, os homens não podiam ser mais fracos.

Avivava as minhas duvidas o facto de ser a funcção physica mais perigosa, a da multiplicação da especie, confiada pela sábia natureza ás mulheres, signal de que a ordem das cousas confia mais na sua abnegação e na sua fortaleza.

Si isso fosse confiado aos homens, certamente só teriamos chegado á extincção da especie.

Um dia vi, em um circo, uma mulher que sustinha sobre os seus eburneos hombros meia duzia de homens de musculos herculeos, e comprehendi então que, bem cultivada physicamente, a mulher seria capaz das mais portentosas virilidades.

Além disso, havia visto já varios homens fugindo ás ameaças de umas unhas femininas; sabia que outros eram sustentados vergonhosamente por suas caras metades e, estudando ethnicamente o adulterio, germen das grandes tragedias humanas, cheguei á conclusão de que dos tres protagonistas desse drama, o mais forte era a mulher.

A mulher dominando o homem — Projecto de um monumento commemorativo...

Acabou por dar mais força a essas minhas duvidas sobre a maior energia dos sexos este facto muito significativo: frades, principalmente os jesuitas, apoderavam-se dos homens, por meio da influencia das mulheres.

Tudo isso me demonstrava que, ainda quando as tradições, as leis e os costumes tivessem sido forjados pelos homens, afim de que se acredite eternamente em sua força, surgia logo a realidade, proclamando com seus feitos, a maior fortaleza da mulher.

No caso do athleta Sansão, subjugado por Dalila e obrigado a fazer rodar por muito tempo a sua mó, repetia-se constantemente atravez da historia e da vida intima e social dos povos.

O sexo feio era menos forte que o sexo bello.

Indefectivelmente, algum dia terá de ser desfeito esse equivoco e resplandescerá a maior fortaleza do sexo feminino; dia virá em que as mulheres terão de dominar publicamente os homens, tirando-lhes das mãos as rédeas do governo do mundo.

E esse dia está proximo.

Já está bastante preconisado o movimento mundial suffragista, reclamando a emancipação da mulher e exigindo os seus direiros de cidadã.

Já na Inglaterra e na Allemanha estão as mulheres substituindo os homens em muitas funcções civicas, tratando-se ao mesmo tempo de organisar um batalhão para o exercicio das funcções militares.

Em outras nações, esse movimento se vae operando, embora lentamente, mas seguidamente.

Creio que, quando terminar a guerra aproveitada a circumstacia favorabilissima de se haver, como resultado della, constatado a existencia de trinta e cinco mulheres para cada homem, empunhará definitivamente a mulher o sceptro da fortaleza de seu sexo.

E nos será isso bem fêito, porque, alêm de sermos mais debeis, não temos sabido dissimulal-o.

*Sylvio*

# SAUDADES

(A' memoria de minha irmã Santina)

Triste recordação!...

Depois que tu, anjo meu, voaste para o azul do Infinito, depois que tu partiste para sempre, nunca mais te olvidei.

De dia, a tua imagemsinha vem, por essas horas de desalento, em que eu, embebido na mais profunda e melancholica meditação, busco dos dias felizes da nossa infancia uma recordação tua, pousar leve e subtil no pedestal phantastico do meu pensamento; de noite, em sonho, como uma borboletasinha azul, fugindo do Paraizo, depositar no meu rosto magro, exangue e adormecido, o beijo de saudade!

Triste recordação!...

Outr'ora, no convivio do nosso lar, corrias ao quintal, esvoaçando por entre as urzes, como uma phalenasinha mimosa a espanejar o pó das suas azas lucidas, douradas e eu, misturava aos teus sorrisos meigos e innocentes, um rosario de beijos, erguendo-te nos braços, affagando-te com meu carinho de irmão! Hoje, longe de meus affagos, das minhas caricias, longe do lar, habitas um céo risonho e lindo, um céo de amor, entre legiões de anjos, e eu, triste e saudoso, com o coração varado pelos espinhos lethargicos da ausencia acerba, choro amargamente a tua falta!... Triste recordação!...

Depois que a Visão funeria da Morte, levou-te deste mundo, eu jamais te olvidei, e hoje ao lembrar-me de ti, escrevo estas linhas, que, como lagrimas sentidas, eu vou depositar sobre a terra fria, que ainda hoje encerra os vestigios de um corposinho inerte, mudo e inanimado!

Idolo meu! Meu divinal sacrario! Atira lá do Infinito onde habitas uma saudade para que nesta mansão de dor, neste exilio da vida, eu guarde sempre, como representação tua e de teus celestes dons.

Dor, cá no exilio da Vida eu guardo.

Triste recordação!...

Rio, 18-8-1915.

*A. G. Reychmann*

## INSTRUIR DELEITANDO

### OS TRESENTOS DE GEDEÃO

É essa uma phrase muito empregada pelos nossos jornalistas e que por isso mesmo, parece estar pedindo á sua inclusão nestas columnas, onde despretenciosamente, vou dando o meu recado, como posso... Gedeão, homem simples e virtuoso, tinha sido escolhido pelo Senhor, conforme reza a historia biblica, para libertar os Israelitas do jugo dos Madianitas.

Organizou um exercito de trinta e dois mil homens. Deus achando esse exercito muito numeroso, mandou a Gedeão que dispensasse os timidos, os medrosos, cujo numero subiu a vinte e dois mil!

Ainda assim, nos dez mil restantes, o Senhor não tinha inteira confiança. Ordenou a Gedeão que escolhesse aquelles que, para matarem a sêde tomassem agua do rio na palma da mão sem se ajoelharem. Apenas tresentos satisfizeram essa condição.

E foi com esses que Gedeão atacou as Madianitas. Atacou-os do seguinte modo: dividiu os seus homens em tres companhias; cada soldado sustinha em uma das mãos um vaso com uma lampada accesa e na outra uma trombeta. Todos deviam bater com os vassos uns nos outros e tocar as trombetas, gritando ao mesmo tempo: "A espada do Senhor e a espada de Gedeão".

O clangor das trombetas, o clarão das lampadas e os gritos dos soldados, espantaram de tal modo os Madianitas, que fugiram espavoridos e iam se matando uns aos outros.

Fazer allusão aos tresentos de Gedeão, é significar o pequeno grupo que nunca falta a uma recepção, a uma solemnidade, a um espectaculo lyrico, etc. E' o grupo dos *habitués*, dos que applaudem, —usando uma phrase do povo—dos que sustentam a nota, maugrado o tempo e a crise.

SENHORITA EMILIANA MOSQUEIRA

### TONEL DAS DANAIDES

As Danaides eram cincoenta irmãs, filhas de Danáo. Casaram-se com cincoenta primos seus. Seu pae sendo avisado pelo oraculo de que os genros o lançariam fóra do throno, ordenou-lhes que degolassem os maridos na primeira noite de nupcias. Foram para o inferno e nem podiam ir para outro logar.

Como castigo do seu hediondo crime foram obrigadas a encher um tonel sem fundo.

Falar, pois, em tonel das Danaides, é significar um trabalho, uma, obra, uma cousa que não acaba mais, uma tarefa que não se conclue.

Começo a suspeitar que as minhas queridas leitoras estão já dizendo comsigo, neste momento, que esta insipida xaropada que lhes vou impingindo em todos os numeros do ***Jornal das Moças***, está muito parecida com o tonel das Danaides!

*Mme. Mimi.*

### Reminiscencias

A toi, toujours á toi
*V. Hugo*

A' distincta Mlle. E. P.

Foi numa saudosa festa, que a conheci. Tinha as feições tão bellas, os olhos negros e fascinantes...

Sinti como um calafrio tomar-me o coração.

Ella com o seu riso amavel, com o seu porte esbelto e gracioso reconheceu algo de amor.

Finda a festa retiramo-nos para o segundo festejo que se realisou neste mesmo dia.

Ouvia-se o afinado som de um pleyel que compassadamente levava os pares aos seus volteios.

Tive o prazer de valsar com esta virgem casta e formosa.

Pronunciamos algumas palavras doces, as quaes tornaram-se sorridentes.

Ao despontar da aurora ella retirou-se.

E eu ainda extasiado, lembrando-me daquelles momentos que me adornavam a vida tambem retirei-me. Desde esse dia começaram a palpitar dois corações. Passados alguns dias encontrei-a. Ella vergo-

nhosamente cumprimentou-me; senti grande satisfação e caminhando absorto, volvi ao lar.

Todos estes factos fizeram com que eu lhe consagrasse cada vez mais uma amisade terna e profunda, que nada poderá apagal-a; será como a flor da solidão aos raios do sol nascente.

*D. SANTOS.*

Ao professor Francisco Escudero.

Encostada ao peitoril d'uma janella de sua chacara, Ottilia, a mimosa flor da aldeia de S. Gonçalo, todas as tardes esperava a hora d'Ave-Maria para rezar... Sua alma branca tinha-a toda voltada para a Virgem-Mãe e de seus labios puros, naquelle doce momento, murmurantemente nos vinham aos ouvidos as suas rezas...

A passarada entoava, então, o concerto da paz, da quietitude da natureza, da tranquillidade das almas... Depois a lua estendia o seu lençol de prata por sobre a alva estrada que ia dar á chacara de Ottilia. E a aldeia naquella hora era um poema religioso — dormia a Natureza, a humanidade rezava. Quando o sino lá da igrejinha de S. José, da sua alta e musgosa torre, annunciava a terminação da novena, a multidão de fiéis, calma e satisfeita, ia para as suas casinhas. Era um povo bom aquelle, laborioso e feliz na sua ingenuidade.

Senhorita Leonor Dantas Coelho

Alta noite, se um cão ladrava mais estridentemente já ao romper do dia havia commentarios:

— Foi gatuno!

— Foi alma do outro mundo!

E um pavor se abria em cada creatura.

O pae de Ottilia, velho professor da aldeia, acalmava os seus visinhos, dando explicações de que o cão havia ladrado á lua...

Ottilia era tida naquella aldeia a moça mais bella e caridosa. Por isso os aldeães respeitavam-na numa religiosidade de fiéis diante de uma santa e quando passavam pela sua janella tinham todos a cabeça descoberta.

Ella era tão boa!...

*
* *

Uma tarde uma carruagem parou no portão do velho professor. Uma multidão de garotos ficou em torno della.

Era Carlos, estudante de direito e primo de Ottilia, que vinha restabelecer-se de qualquer enfermidade. Ottilia, correu para o portão. Carlos contemplou-a embevecido. Realmente ella era formosa: da côr da açucena era o seu bem torneado pescoço deixado descoberto por um quadrado decote enfeitado de rendas; as faces eram roseas, afagadas por suas madeixas sedosas e castanhas. Sorria, e na sua bocca, como desseis contas de um rico collar guardado numa rubra caixinha, os dentes appareciam alvissimos.

— Oh! és tu, Carlos? Estás tão pallido!

— Sim. Venho restabelecer-me aqui. Sabias?

— Sim...

E ambos, de braços dados, penetraram numa larga porta que ia dar á sala de jantar.

A mãe de Ottilia, velha gorducha, correu toda sorridente a abraçar o sobrinho.

Nas manhãs seguintes, Carlos e Ottilia, anciosos já se procuravam vêr. Durante o dia não faltavam assumptos para muitas gargalhadas. Iam ao curral e passeavam num pequeno jardim. No gallinheiro estavam sempre apontando as gallinhas mais bonitas e os gallos de briga. No pasto era bello se ver uma infinidade de carneiros e cabritos, com que mais o pae de Ottilia se preoccupa.

Enleiada por uma enorme trepadeira enflorada, alli, um pombal, como um mimoso chalet, estava coberto de pombos brancos, pretos e malhados, todos ruflantes e amorosos...

— Oh! dá-nos uma idéa das mulheres da cidade, disse Carlos admirando os pombos. Ellas são assim...

— Assim? perguntou Ottilia já enciumada.

— Sim, assim. As mulheres da cidade são formosas e ostentam as suas sedas como os pombos as suas pennas; mas... nenhuma tem a tua graça, a simplicidade da tua alma... essa boquinha carminada pela natureza. As mulheres da cidade são vaidosas: pintam as faces e tu tens nas tuas, duas rosas lindas, rubras e velludosas...

Ottilia sorriu...

.....................................................................

E um mez, um mez que valeu por uma longa vida de venturas para o estudante, elle passou na aldeia de S. Gonçalo...

Quando elle partiu para a cidade Ottilia enrubesceu de repente, depois ficou com o olhar fixo na estrada até que a carruagem desappareceu... O seu olhar tinha a languidez dum arrependimento... estava medrosa... e as lagrimas brotaram dos seus formosos olhos amortecidos.

Era a saudade e a realidade que a abatiam.

Muitos dias se passaram.

Os aldeães notaram a ausencia de Ottilia na janella e um dia o pobre professor, chorando, corria a chamar um medico. Ottilia estava doente: uma febre intensa fel-a delirar, contando a crueldade de seu primo...

O professor então teve uma idéa funesta, mas a moça continuava a delirar:

— Eu o amo... perdôe, papá... eu o amo... C a r l o s...

.....................................

Senhorita Antonia Gomes Penna

Dias depois, o povo de S. Gonçalo, levou chorando para o cemiterio a mimosa flor da aldeia. Uma tristeza singular invadira a natureza e o sino lá da igrejinha de S. José lançava pelos ares uns sons plangentes!...

**João Du-Bosck.**

◇◇◇ ◇◇◇

**AS MULHERES EM PARIS.** — A' medida que a guerra se prolonga e vae augmentando o numero de homens chamados ás fileiras, a falta de empregados nos diversos ramos de commercio e industria, em Paris, faz-se sentir cada vez mais.

Assim as mulheres, depois de terem substituido os homens nas mercearias e pastelarias, vão substituir tambem agora, os creados de cafés, que se encontram na fronteira e tambem os cozinheiros dos restaurantes.

Já, em agosto, quando a guerra rebentou, alguns proprietarios de cafés e restaurantes pensaram em empregar as mulheres, irmãs e filhas dos seus serviçaes então mobilizados, em substituição destes, mas nessa época as necessidades de pessoal eram ainda muito espaçadas.

Agora, em vista da nova chamada de tropas, que vae deixar muita esposa sem o marido, que era o amparo da familia, muitas mães, sem os filhos que as ajudavam a viver, a Camara Syndical dos donos dos restaurantes e cervejarias resolveu collocar immediatamente as mães e esposas dos seus empregados no serviço que até agora estava a cargo destes.

# SONETOS

## INGRATIDÃO

Meu triste coração: por que soluças tanto,
Por quem não se condóe da tua enorme agrura?
Por quem do vil desprezo entôa o féro canto,
Crescendo mais e mais a tua desventura?...

Socega, coração: dissipa essa amargura!
Suspende esse magoado e suspiroso pranto!
Esquece essa formosa e ingrata creatura,
Por quem morres de amôr e te consomes tanto!...

Não te amofines mais: sê firme, calmo e forte
Ante os golpes cruéis da féra ingratidão!
Cumpre sereno e altivo a tua iniqua sorte!...

Não curves a cerviz da Dôr á escravidão!
Procura outra mulher que te ame e te conforte,
Meu triste e apaixonado e amante coração!...

Meyer — Março de 1915.

*Norival Possidonio.*

## NOS PÁRAMOS DA GLORIA

Findára o dramalhão. A atriz entre delirios
Agradece risonha a selecta platéa.
Cáe silencioso o panno. A orchestra em melopéa
Termina lentamente a scena dos martyrios!

Resurgem as oblações. Levanta o panno... os lyrios
São jogados no palco á divina Phrynéa!
A gloria conquistara! O povo em epopéa
Acclama novamente a deusa dos empyrios!

Esquece a saudação e lembra-se da filha
Que deixára soffrendo ao camarim e corre
Jogando para um lado as flores e a mantilha.

Uma phrase, um gemido o silencio nos corta.
Soluça a pobre mãe. A' face o pranto morre.
Sinistro gargalhar! A filha estava morta!

*Pericles Maciel.*

## CRUEL SEGRÊDO

A' MLLE. CARMEN J. GARCIA.

Ha na ingenua expressão que tu, Carmen assumes,
Tanta ventura, a rir, em teu rútilo olhar,
Que, rubro de despeito, e louco de ciumes
Ficava, se o beijasse alguem, mesmo a brincar.

Eu amo-os loucamente, esses virgineos lumes,
Olhos de tréva, ardendo em luz, a crepitar;
Adoro-os muito mais, talvez, do que presumes,
P'ra que m'os possa alguem, sem luta arrebatar!

E sinto que me empolga esta paixão sublime,
Porém, de confessar-t'a, eu tremo... e tenho mêdo
De que seja esse amor, o preludio d'um crime.

Este amôr, infinito, esta visão dorida,
Que avaramente afaga, a minh'alma, em segrêdo,
Como ultima illusão, que inda me prende á vida.

Nictheroy — Maio de 1915.

*M. Rodrigues Cabral.*

## BEIJANDO A MÃO...

A ANTONIA G. PENNA

Foi lá n'aquelle sitio emmoldurado em flôr,
Onde róla a cachoeira e canta a passarada,
Onde palpita a vida e não viceja a dôr
E o amôr é um lyrio branco aberto á madrugada:

Foi lá que em minha mão sentindo o teu tremôr,
Beijei com tal encanto a tua mão de fada
Que n'alma crepitou — o incendio d'esse amôr
Que faz do riso e o pranto a sua larga estrada.

Foi loucura talvez, um crime, um devaneio,
Cuja saudade causa ao peito um doce anceio.
Amar é ter a vida aberta por escolhos...

Pois que venha a expiação se o beijo tem magia!
Mas antes de morrer sorrindo, eu pediria
Que fosse a tua mão que me velasse os olhos.

*Camisão de Mello.*

## OUVINDO-TE

PARA ZITA LOUCHARD, PORQUE
FOI ELLA QUEM M'O INSPIROU.

Ouço-te a voz. Minh'alma se prostando
Quêda-se attenta ouvindo-te, Divina;
E' uma torrente pura, crystallina
De sons maviosos mysticos trilando.

Cantas. O espaço alegra-se vibrando.
Tudo sorri. Tudo é alegria. Mina
Dos labios teus a symphonia fina
Que só os anjos têm assim cantando.

No céo me encontro... Devaneio... Sonho...
Da vida esqueço o pantano medonho
Só porque ouço a tua voz vibrar...

Não cantas mais... A solidão é um véo.
Porque te calas, Rouxinol do Céo?
Canta mais, é tão lindo o teu cantar!

*Cicero Neiva.*

## NOITE DE INVERNO

A' ILLUSTRE POETISA LEONOR POSADA.

Noite de inverno, tenebrosa, fria,
Noite de angustias e de soffrimento...
Eu sinto que me vem tardando o dia,
E' morta a inspiração do meu talento.

Como eu vejo esgotar meu pensamento
Nesta noite infeliz, de nostalgia,
A luz, que se ausentou do firmamento
Levou comsigo a flôr da phantasia!

E' finda para mim toda a ventura
De libertar-me desta sorte ingrata,
Desta vida crúel, tetrica, escura.

Oh! sorte injusta que me fére e mata!
O soffrimento, eu amo com ternura.
E amo a propria dôr que me maltrata!...

*Mattos Gomes.*

# Soror Maria do Céo

Soror Maria do Céo foi uma freira que viveu no seculo XVII. O seu nome era conhecidissimo e respeitado como de uma das melhores poetisas do seu tempo.

Os seus versos eram de uma singeleza encantadora.

E' della este *Côro de pastoras* de um bucolismo digno dos antigos tempos arcadianos quando os zagaes e os pastores tangiam os seus rebanhos ao som da flauta rustica e improvisando quadras emocionaes:

Já fenece o dia
da nossa alegria;
já os passarinhos
voam para os ninhos;
já a féra bruta
corre para a gruta.

Ai pouco dura
entre todas a flor da ventura!

Já o gyrasol
chora pelo sol,
a Clici constante
pelo seu amante;
já a rosa bella
se esconde da estrella.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura!

Já Phebo cahindo
vae de nós fugindo;
já Diana espera
que a chamem da esphera;
já a luz doirada
está desmaiada.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura!

Já a doce ida
vae na despedida;
já a voz sonora
pousa sem demora;
já os echos seus
só dizem — adeus!

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura!

**APOLLO.** — Acaba finalmente de apparecer o *Apollo*, a magnifica revista de arte, litteratura philosophia, sciencia e critica social dirigida por Carlos Maul e A. B. Vieira da Cunha.

A nova revista, unica no seu genero entre nós, traz um summario primoroso em que figuram nomes consagrados nas nossas lettras e no estrangeiro.

*Apollo* está destinada a um grande successo.

# SUPPLICA

*A' Sigma . . .*

MULHER! sublime ser, idealisado por Deus, graças á sua infinita misericordia, para minorar os continuos soffrimentos do homem, compartilhae das minhas infelicidades; luz que com brilho diamantino nos guia na senda da vida, illuminae meus passos; maximo alento, em todos os nossos transes, ajudae-me a supportar esse calice de amargura— resignação— unica realidade de tantas illusões.

Si a vós recorro é porque não ponho em duvida vossa superioridade sobre o homem, pois, o que este não consegue muitas vezes fazer, lançando mão de todos os recursos que lhe estão ao alcance, vós conseguis, apenas com uma palavra, um olhar, um gesto; a vós se curvam os mais inflexiveis joelhos; aos vossos conselhos, os mais endurecidos corações se commovem, dando, então, os mais resequidos olhos, evasão ás lagrimas, lenitivo dos que soffrem; emfim, ao vosso amor, os mais altaneiros sentem-se subjugados e executam os mais transcendentes pedidos.

Sem vós, o mundo seria um cháos e nós, um corpo sem alma.

Meyer. **Alpha-Béta**

OS NOSSOS INSTANTANEOS

## Versos a meu amor

A borboleta mimosa,
A borboleta gentil,
Beija o cravo, beija a rosa
Que lhe dá affago mil...

E sempre esbelta e formosa
Lá vae garbosa e subtil...
Colhendo beijos, na rosa
Da bella estação de Abril!

Essa gentil bandoleira
Que poisa de flor em flor
Alegre, terna e faceira:

E' tua imagem fagueira...
Zombando do meu amor,
Minha visão feiticeira.

Rio, 24 de Março de 1915.

AMELIA NAPOLI.

# PASSEIO IDEAL

*Ao Nilo Vasconcellos*

Em um carrinho mimoso puxado por dois pombinhos faremos, «meu caro bem...» uma deliciosa viagem.

Sempre enlaçados e risonhos... percorreremos, *primeiro*:— o caminho das ethereas e azuladas regiões dos sonhos; *segundo*:—o paiz verde-claro da Esperança, a praia da Saudade... e a gruta inviolavel da Lembrança; *terceiro*:—a fonte dos Suspiros, o inexplicavel canal das illusões, a ilha dos Carinhos e a grande fortaleza das paixões; *quarto*:—o falado reino dos «Mil Beijos...» a estrada florida e interminavel dos abraços... e o mysterioso lago dos Desejos; *quinto*:—o bello e vastissimo bosque dos Queixumes... circumdado pelas aguas ardentes... do encapellado quão perigoso rio dos Ciumes; depois entraremos no paiz das maravilhas, no mundo dos prazeres!! Ahi exhaustos de fadiga . . . descançaremos emfim: No vasto hotel dos «amores», num grande leito... de flores!

*SULLY*

# VIDA DE ROSAS

O culto pelas flores foi sempre uma das agradaveis preoccupações dos elegantes de todos os tempos.

—◎— D'entre as flores mais preferidas e estimadas destaca-se a rosa, cuja primazia dilecta é incontestavel.

—◎— A preferencia da rosa sobre as outras flores, embora das mais odorosas, como o cravo, foi sempre notavel, principalmente pelo bello sexo.

—◎— As flores são o maior encanto da bella e inimitavel perfeição da Natureza, pintora maravilhosa e artista dedicada e inexgottavel das lindas e variegadas cousas naturaes.

—◎— A flor como adorno, occupa ainda o logar saliente que em todas as épocas tem alcançado; como representante do bello e do agradavel, continúa a ser ainda o encanto dos que têm a felicidade de saber apreciar a sua belleza, a sua frescura suave e mimosa, a delicadeza avelludada de suas petalas subtis, o seu perfume extasiante, incomparavel e exquisito.

—◎— A flor, na linguagem doce e tácita do amor, utilisada pelos Romeus e Julietas, supplanta admiravelmente as cartas eloquentes, o manuseavel leque e mesmo os expressivos olhos, que tanto sabem falar de amor na sua linguagem meiga, piedosa, compassiva, ás vezes desejosa e ciumenta, outras vezes dolorosa e triste

—◎— Na eterna transmissão da saudade é onde a flor mais se destaca como rainha victoriosa de um duelo com a lagrima!

—◎— A lagrima, rebento da magoa de um coração ferido e triste, irrompe dos olhos pesarosos, sulca a tez das faces languidas e volatiza-se ao contacto do ar ou absorve-se ao amparo de um lenço, que humanitariamente a acolhe.

—◎— A flor, que traduz a saudade, desprendendo o seu perfume adoravel ou mesmo inodora, viçosa em mãos pesarosas ou a vicejar na campa muda e fria, ou ainda resequida e estiolada, a flor, a flor da saudade consagra em si todas as preces, todas as magoas vivas e pungitivas da agridoce, triste e ingrata saudade.

—◎— A flor — como adoravel mimo, como adorno, como intermediaria do amor, ou como recordação saudosa de um passado feliz ou lembrança de uma companhia fenecida — deve ser tratada com esmero e idolatrada como a mais perfeita obra translucida e suave da poezia divina.

E. P.

# FLORES

**Para Saudade Branca**

Flores! Como as adoro! Brancas, roseas ou purpurinas, amo-as todas!

São as flores as minhas bellas amigas, ás quaes dedico puro e santo amor!

Contemplando-as, sinto-me extasiada! Em um jardim quando me vejo entre tão encantadoras e inebriantes companheiras, sinto-me inspirada e afastada das dores terrestres. Meu pensamento, qual inquieto passaro vôa até junto de ti, doce "Saudede Branca".

E's tu, a minha confidente! Em ti, é que deposito todos segredos da minha alma! Em ti, querida flor animada, é que encontro esse sentimento nobre que se chama — sinceridade.

Lembras-te? Quando sentadas juntas num tosco banco de um parque, entre flores nossas irmãs, reciprocamente contávamos historias de flores ingratas?

Como era ditoso esse tempo!

Ora me referias a lenda do myosotis, que não correspondia á tradicional significação; ora a voluvel rosa branca que tanto te fez soffrer!... Eu te narrava, historias de lyrios e perpetuas, correspondendo mutuamente aos teus doces devaneios!

Tudo isto occorreu na primavera. Passaram-se mezes... Veio o inverno. Como flocos de neve aos raios do sol, dissipou-se toda nossa illusão!

O nosso "bouquet" de rosas brancas, myosotis, lyrios e perpetuas desfolhou-se com o tempo... ficando sós, firmes, unidas e inabalaveis tu, doce "Saudade Branca, e tua

**Camelia Rubra.**

Grupo de meninas que tomou parte n'um theatrinho, na noite de 15 de agosto em Ouro Preto (Minas)

# NOTAS MUNDANAS

## ANNIVERSARIOS

No dia 6 conta mais um anno de travessuras o intelligente menino Racim Pereira, distincto alumno do Collegio S. Christovão e filho do commandante Francisco Antonio Pereira.

Fez annos no dia 23 do mez passado a gentil senhorita Carmen Barbeito de Azevedo.

Completou mais um anniversario natalicio no dia 24 do mez findo a Exma. Snra. D. Josephina Telles.

No mesmo dia festejou a sua data natalicia a senhorita Amelia de Souza Bastos (a graciosa Loló), dilecta filha da distincta actriz Palmyra Bastos.

Passou a 23 do mez findo o anniversario natalicio do estimado academico de Direito, Sr. Joaquim Diogenes.

Talentoso, de uma força de vontade invejavel e uma dedicação robusta, Joaquim Diogenes vae concluindo o seu curso com brilhantismo, fazendo assim um grande circulo de amigos e admiradores.

No dia 15 do mez passado festejou o advento das suas vinte ridentes primaveras a elegante senhorita Clara Kuhlmann.

No dia 23 do mez findo festejou seu anniversario natalicio Mme. Maria Veiga, virtuosa esposa do eminente jornalista Alberto Veiga, residente em Santos, S. Paulo.

Por esse motivo foram muitos os cumprimentos recebidos pela distincta senhora, cujos dotes moraes e qualidades de coração a tornaram estimada de todos que a conhecem.

Completará no dia 5 do corrente mez, mais um anno de preciosissima existencia, a nossa constante e dedicada leitora, senhorita Izolina de Souza.

Esteve em festa, no dia 26, o lar do ditozo casal Hernandes da Silva Maia e Mme. Maria Maia, por motivo do primeiro natalicio do seu gracil Gustavo (Bijuju').

Na divida secção estampamos o retrato do "Bijuju".

## CASAMENTOS

No dia 8 do corrente mez realizar-se-á na cidade do Amparo, em S. Paulo, o casamento do Sr. Hernani Fernandes Lima de Carvalho com a distincta Mlle. Clarisse Mattoso, da élite social daquella cidade.

Os noivos, após ás cerimonias nupciaes, embarcarão para esta capital onde vêm fixar residencia.

Contratou casamento com Mlle. Clara Ferreira Dias, filha do tenente João Sebastião Dias, o Sr. Alvaro da Fonseca Fernandes, estimado funccionario do Correio Geral.

No dia 18 do mez findo, realizou-se na capella de N. S. de Loreto, em Jacarépaguá, o enlace matrimonial do capitão Ernesto Mariano de Souza com a senhorita Idalina Baptista de Souza.

Foram padrinhos, nos actos civil e religioso, o capitão Januario Pimenta de Souza e sua esposa D. Augusta de Souza.

Em Jacarépaguá, na aprazivel vivenda dos paes da noiva foi offerecida aos amigos dos nubentes uma farta mesa de doces.

Ao champagne, o capitão Pedroso Reis felicitou os noivos.

Ao orador agradeceu o Sr. Paulo Nogueira.

A' noite dansou-se animadamente até á madrugada seguinte.

Entre as pessoas presentes, notámos: Mmes. Antonio Maria da Conceição e Carlota da Silva Maia; Mlles. Isolina Maria da Conceição, Mercedes Maria de Souza, Olga, Siria e Delfina de Souza Pimenta, Israel Maria, America Maia de Souza, Rita J. Mineira, Cecilia de Moraes, Zulmira de Montella, Christina da Almeida e Margarida de Souza Pimenta; e os Srs. capitão Antonio Pedroso Reis, Paulo Nogueira, Albino de Souza, Agenor José de Souza, Oscar Baptista Bonifacio, Araujo de Souza, Ataliba Maia de Souza, Manoel de Almeida Nunes, Fernando de Moraes, Dilermando de Moraes, Edgard G. dos Santos, Daniel e Leonel Baptisa Bonifacio, Moacyr Bonifacio, major João B. Bonifacio e tenente Canuto.

## NASCIMENTO

Acha-se em festa o lar do Sr. Antonio Gentil e sua exma. esposa D. Benedicta Alves Gentil, com o nascimento do seu primogenito Waldyr.

Declaramos, satisfazendo a um pedido, que os postaes publicados nos nos. 31 e 32, não são de autoria de nossa collaboradora Angela Alves da Trindade (Pasquinha).

### No Trianon

Tivemos no Trianon, na quinzena passada, a festa artistica de Emma de Souza, com a primeira representação da deliciosa comedia "Inglezes", escripta especialmente para esta recita pelo distincto jornalista portuguez Lorjó Tavares.

O desempenho dado a essa interessante peça pelo conjuncto artistico dirigido pelo Dr. Christiano de Souza merece os mais justos e francos elogios.

Podemos dizer, sem receio de errar, que "Inglezes" é uma das melhores comedias que têm sido levadas á scena no Trianon.

Fez tambem grande successo, no mesmo theatro, a representação da revista "Pilheriopholis", cujos 92 papeis foram desempenhados pela transformista, senhorita Bianca Pappacena.

Como se vê, os emprezarios do elegante theatro da Avenida, não poupam esforços para corresponder a preferencia que lhes dá a élite carioca.

Ir ao Trianon, tornou-se um habito elegante, "smart".

### No Apollo

Na noite de 23 do mez findo, a platéa do Apollo encheu-se de admiradores da intelligente actriz Palmyra Bastos, a grande estrella do theatro portuguez, que realizou o seu festival artistico.

Palmyra Bastos teve occasião, mais uma vez, de avaliar a estima e admiração que, com justiça, a platéa carioca vota ao seu talento e habilidade.

### No Recreio

Está em via de organisação uma nova companhia de operetas e revistas para trabalhar no theatro Recreio, sob a direcção do emprezario Alfredo Miranda.

# PELAS ESCOLAS

### Bibliotheca Escolar Recreativa

As alumnas da Escola Normal Modelo, de Bello Horizonte, fundaram naquelle estabelecimento de ensino, sob o patrocinio do respectivo director, a Bibliotheca Escolar Recreativa, que vem satisfazer uma antiga aspiração das intelligentes e estudiosas normalistas.

# MODAS E MODOS

Recebêmos de uma de nossas amaveis leitoras, Mlle. Eralda Pessôa, residente em Pernambuco, a seguinte carta que, com prazer, damos á publicidade nestas columnas.

Toilette simples e graciosa em tecido leve, saia lisa, jaleco e peitilho branco com golla alta.

Eis a carta :

" D. Yvonne —Lendo no *Jornal das Moças*, a "Arte de ser elegante" a passagem brusca das saias estreitas para mais amplas, de um exagero desmedido, penso que não devemos acceitar de fórma alguma esta innovação.

Que um protesto se faça immediatamente para que se limite a tres metros o maximo de roda.

Imagine-se uma mocinha pequenina no desproposito das saias largas! E' uma verdadeira tanajura; ou então, uma senhora corpolenta com estes exageros, é simplesmente insupportavel.

E' preciso não nos sujeitarmos á vontade das costureiras, que a meu ver parecem querer impor as suas modas visando apenas os lucros provaveis.

Avaliem-se as torturas de um pae de familia com oito ou dez filhos, sendo a maior parte do sexo femenino, sujeito a estas exigencias; será uma calamidade!

E' por esta razão, talvez, que se vêm senhoritas e senhoras desprezarem sua dignidade se deshonrando e aos seus para seguirem a moda. Quando Yvonne falou a respeito das saias largas, bati palmas de contente, porque é muito mais decente e commoda; mas sou contra o exagero a que se tem chegado ultimamente.

De sua constante leitora

*Eralda Pessôa* ".

*
* *

Estão muito em voga as fazendas raiadas (listadas), de seda, algodão ou lã, de fundo branco e grandes listas azues, vermelhas, rosas, pretas, etc. para vestuarios simples de passeio de uma agradavel apparencia e grande simplicidade ao mesmo tempo

As seda azues com listas brancas e as pretas com listas brancas têm merecido, pelo que temos visto, a preferencia das nossas elegantes e com razão, pois esses padrões estarão sempre na moda.

## Para conservar a alvura das mãos.

Faz-se um cozimento, um tanto carregado, de folhas de saponaria, que deixa-se depois esfriar e guarda-se em garrafas.

Esta agua tem uma côr esverdeada.

Quando se quer utilizar lavam-se as mãos como de costume, depois embebe-se um pouco de miolo de pão, bem molle, nessa agua,

Elegante toilette em musselina floristada, foulard ou crepe da China.

esfregam-se com elle as mãos, que ficam nessa occasião cobertas de uma substancia gordurosa, e deixa-se permanecer sobre ellas por espaço de um ou dois minutos, lavam-se em seguida e adquirem então uma bellissima côr, branca e assetinada.

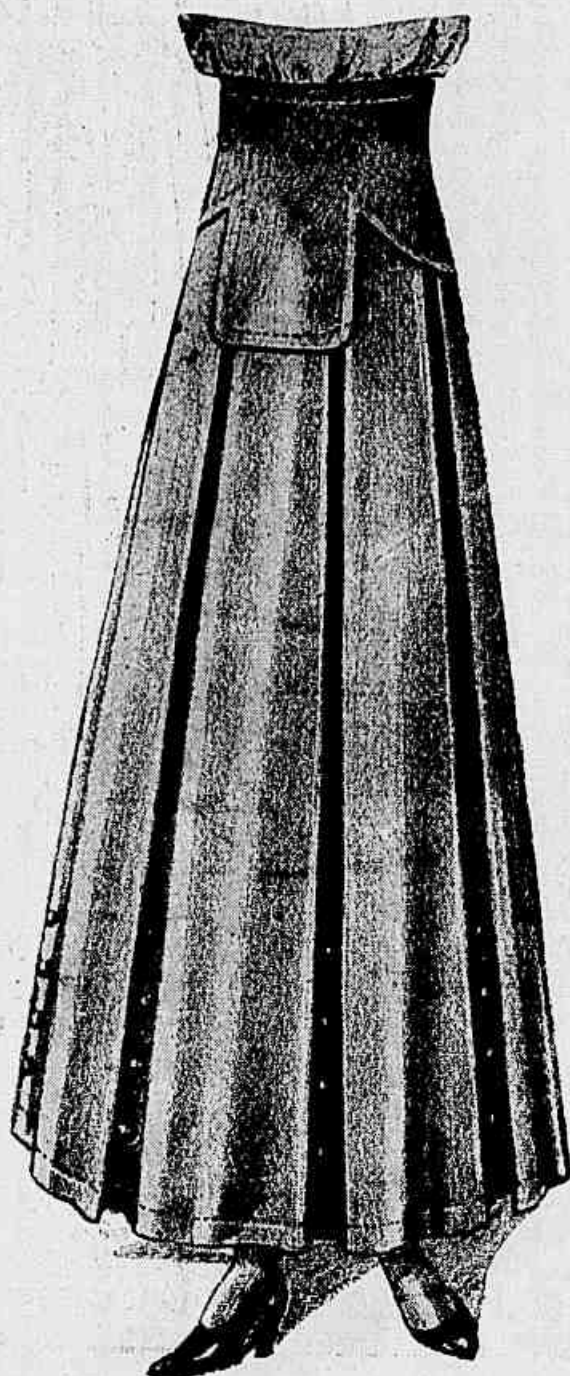
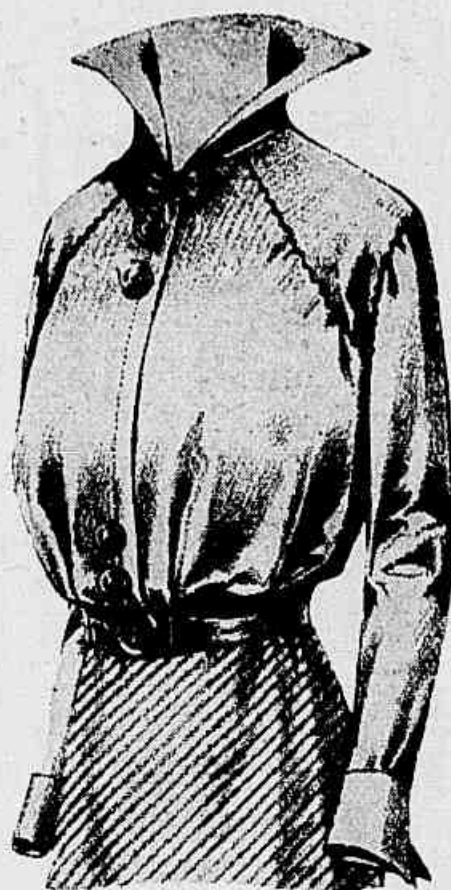
*Amelia.*

(1) Costume em cachemira, ou cheviotte raiado, fina golla alta virada de velludo, jaqueta fechada a meio traspasse com cinto do mesmo tecido. (2) Manteau muito elegante em sarja guarnecida de soutache largo, golla alta dobrada, cinto pendente. (3) Costume para passeio em sarja azul escuro, jaqueta de traspasse com golla virada aberta, cinto da mesma fazenda. (4) Costume muito gracioso em flanella ingleza ou sarja, jaqueta fechada por cinco botões.

# BLUSAS E SAIAS

Blusa bolero em taffetá

Saia dupla

Blusa bolero de crépe da China

Saia em sarja azul pregueiada

Blusa fechada, golla alta, em nanzuk

Saia de quatro secções ou *babados* em gabardine

Vestido de mousselina bordada; pequeno decote, mangas curtas e cinto largo com seis botões.

OS CHAPÉOS DA MODA

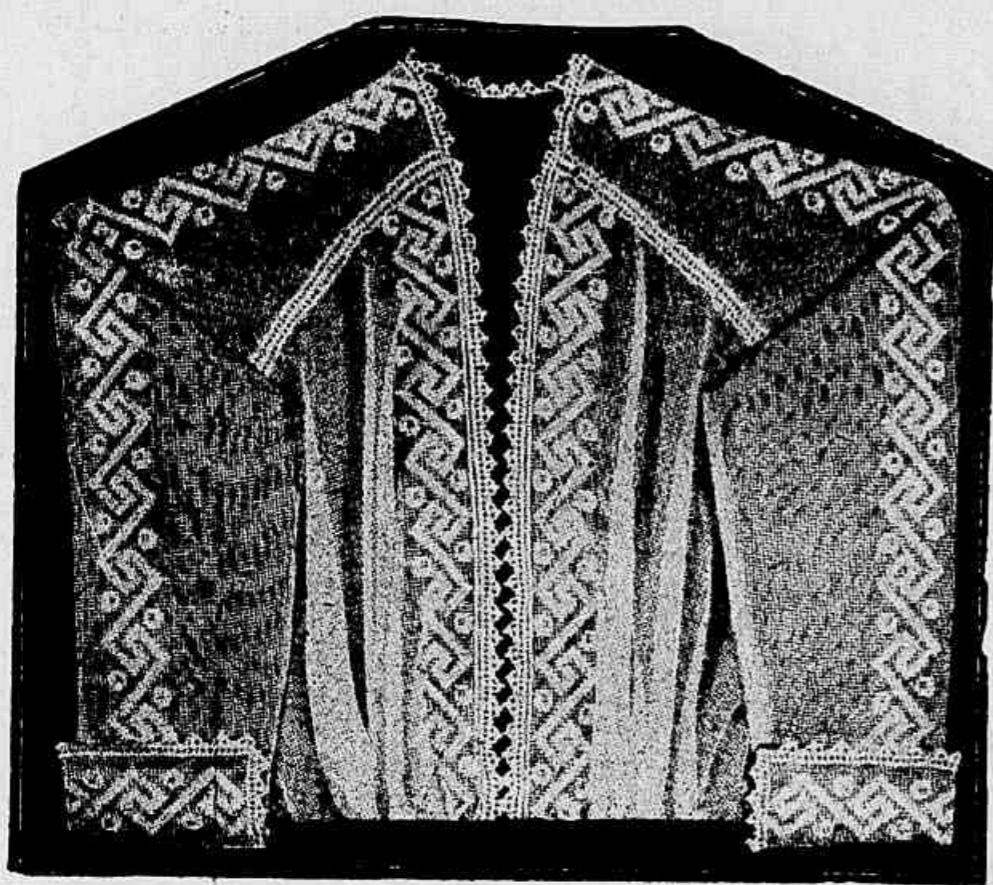
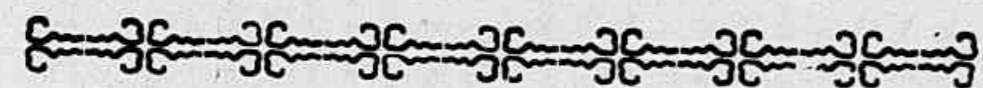
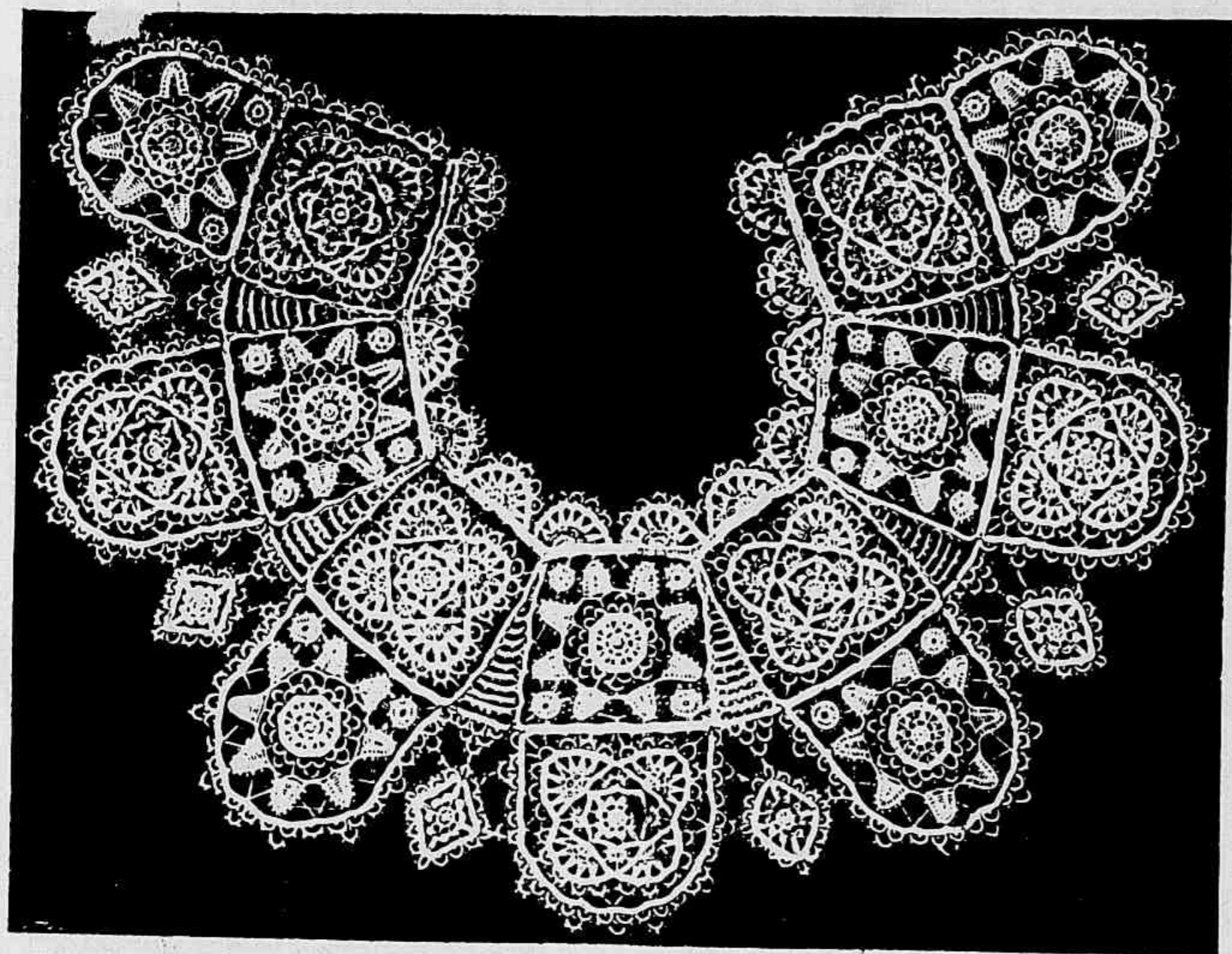
Estes quatro modelos representam as ultimas creações e são muito apropriados á estação que começa.

Vestido em crepon branco ou cor de champagne; saia de tres secções; com laços borboletas, cinto largo, golla alta e pequena gravata preta.

## TRABALHOS FEMININOS

APRESENTAMOS hoje ás nossas gentis leitoras um bonito modelo de golla em *crochet* que é de grande opportunidade, pois actualmente está muito em uso em quasi todos os vestidos uma golla branca.

Este trabalho, agradavel distracção para nossas amaveis leitoras, deve ser feito com fio ou linha muito fina e brilhante para que se obtenha afinal uma obra delicada e elegante.

Pela simples observação da gravura, póde-se confeccionar esta bella prenda de ornamento, pois os seus elementos de formação são simples pontos de *crochet*, que não offerecem dificuldades.

Blusa de linho ou algodão mercerisado com entremeio e bicos de crochet, de facil confecção

«Peignoir» de cassa suissa floristada, com enfeites de renda

Calça-camisa em combinação com enfeites de renda

# Torneio Charadistico

*2º torneio.* — Solução do n. 28: Gabão; Molição; moção; Revolver-rever; Aroma-aura; Alvaro-alva; Amor-perfeito; Condecoração; Catasol; Casamento; Aracy; Amorosa; Navella-o; Adeus-Adeus.

Decifradoras; Ailez, As tres graças, Clio, Carolina da Fonseca, Colibri, Chrysanthéme d'Or, Euterpe, Farfalla Azzurra, Junulino, Mlle. Alzira, Melpomenes, Menina de Chocolate, Mercês, Pasquinha, Roitelet, Rosa Pernambucana, Selene, Verde Stelo e Zilda — 13 pontos; Antonietta Mandarino, Singella e MarDag — 1 ponto.

## Terceiro torneio

### Problemas ns. 14 a 24

**Charadas novissimas**

3—4 — A mulher, desta ilha, observa a villa.

*Celina Muniz.*

(A denodada collega Chrysanthéme d'Or)

1—1—1 — Dou-lhe um numero, uma letra, outro numero, decifra *onze letras.*

*Menina de Chocolate.*

1—2 — No iniciar a deusa perdeu o animo.

*Balbina Garcia da Silva.*

(A' Chrysanthéme d'Or)

1—1—2 — Na alma de Zelia qualquer pessoa alcança as qualidades virtuosas desta mulher.

*Colibri.*

1—2 — Na prisão conserva excepção.

*Clio.*

1—1—1 — E' luxo na China uzar-se esta bebida quando com ella se faz bom negocio.

*Carolina da Fonseca.*

4—1 — Este homem tem na placa o nome desta cidade.

*Lemrac Ladir.*

1—2 — Quem ficou no canto foi a mulher deste homem.

*Pequitita.*

(Dedicada Gingella)

2—2 — Temos um peixe que come outro peixe.

*Mercês.*

(A' Ailez)

2—2 — Faço verso a esta moça á claridade do relampago.

*Sinhá Velha.*

2—2 — Nesta *cidade*, minha *senhora*, quando ha comicio costuma haver tumulto.

*Aspasia de Mileto.*

### Problemas ns. 25 a 27

**Charadas casaes**

*Elle* — Vagaroso, socegado,
Quero o meu acabamento;
*Ella* — Corrigir-me do peccado,
desse medonho tormento.

*Rosa Pernambucana.*

2 — E' um simples liquido.

*Melpomenes.*

2 — Atirei ao rio um pão pequeno.

*Clio.*

### Problemas ns. 28 a 32

**Charada syncopada**

(A Colibri)

4—2 — O animal come esta fructa.

*Chloris.*

3—2 — Borbulha póde ser mentira?

*Santinha.*

3—2 — Com o soro de leite é que se sustenta o animal.

*Ailez.*

3—2 — O que vale é o uso.

*Mercês.*

3—2 — O incolor é o que venero.

*Farfalla Azzurra.*

### Problema nº. 33

**Charada mephistophelica**

2—2=3 — Eu tinha uma maçã, mas um animal roubou-m'a para dar a deusa dos fructos.

*Melpomenes.*

## AVISO

Por termos recebido poucos votos para o melhor problema publicado no segundo torneio, prorogamos a recepção de votos até o dia 15 deste mez e lembramos as nossas collaboradoras que cada "coupon" representa um voto e que poderão enviar qualquer quantidade de votos para um só trabalho.

—<>—

## CORRESPONDENCIA

**Chloris** — Quanto perfume nos trouxestes, linda deusa das flores, em vossa cartinha! Inscripta.

**Euterpe** — Recebemos. Transmissão telepathica ou sympathia pelo idioma.

**Maluquinha** — Santo Deus! Estamos perdidos! O nosso ramalhete de flores, o nosso Parnaso e o nosso centro de alegria passaram a ser hospicio! "Maluquinha", tendes entrada, mas pedimos que no nosso meio intellectual, no meio destas flores que aqui vicejam e entre tantas deusas, não façais arrelias.

**Aspasia de Mileto** — Desejamos que como a outra, que foi celebre pela belleza que possuia, sejais celebre nas pugnas charadisticas.

**Sinhá Velha** — Sejais bem apparecida, principalmente agora que nos ameaça uma tempestade com a entrada da "Maluquinha". Precisamos breve dos conselhos da vovó para apaziguar as rebeldias.

**Pasquinha.** — Luctamos com falta de espaço para a publicação de trabalhos extensos e o numero de collaboradoras é grande, por isso, de vez em quando, commettemos uma injustiça, que as nossas gentis collaboradoras perdoam.

**Menina de Chocolate** — Sciente do occorrido. Seria melhor o silencio.

**Paulina Rubio** — Não éra preciso tanto receio! A nossa secção é um ramalhete, cujas flores são as nossas collaboradoras. Inscripta.

**Rosa Pernambucana** — Não vos deixaremos mal. Contamos os pontos indicados em vossa ultima carta.

**Nenirac Ladio** — E' com extraordinaria satisfação que vos incluimos em nosso ramalhete.

**Pequitita** — E' favor enviar as soluções dos vossos trabalhos, que vieram para publicação.

**Carolina da Fonseca, Garota Nonicia, Edith Rodrigues, Clio, Izabel Aguiar, Ailez, Verda Stelo, Jumilino, Mercês e Santinha** — Recebemos.

ORAMA.

**COUPON**

Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º ..................



**COUPON**

Torneio Charadistico para moças.
1—10—915

**BELLEZAS CEARENSES** — Senhoritas Altina Martins (1) — Aida Barbosa Lima (2) — Agracil Brinulfa Martins (3) Maria Olilia Sampaio Barreto (4) — Theté Gurgel (5)

# BILHETES POSTAES

## TANGO

B. dos Alpes

PIANO

1ª

2ª

8

Fim.

1ª
2ª
1ª
2ª
𝄋 ao Fim
Maio 7/5

## Correspondencia do "Jornal das Moças"

*Lyrio do Valle* — Muito simples o seu trabalho.

*Edilasio Silveira* — Bons os seus versos; serão publicados na primeira opportunidade.

*Norival* — O camarada tem felicidade para vercejar, mas tome cuidado com os tropeços e cochilos... Onde é que descobriu aquella aurora vespertina, do segundo quarteto do soneto II, que nos mandou?

Este terceto, certamente não é chave de ouro:

"Deixa a mésse e vae esperando
Em busca de seu amor
Que saudoso o está esperando..."

*Dalbo Maia* — Muito longo o seu "Coração", para o espaço disponivel.

*Gumercindo* — Escreva alguma cousa de mais valor, pois o sr. tem geito.

*Pelopidas* — Errados os versos.

*J. Roma* — Bons: "Harpejo", "Repouso", e a prosa rimada.

*B.* — *Deviner l'auteur*, impossivel, mas os versos estão sem metrica.

*Marcos Chopin* — Deixe que continue o que escreveu no album em questão.

*Fragile* — Não comprehendemos bem o seu postal e não sabemos se sabe, aquellas notas de musica... obrigam a despesas.

*Maria Vianna* — Sairá nos "Bilhetes postaes" o seu "sonetinho.".

*Eugeny* — O seu trabalho "Exemplo a seguir" está bem lançado, mas muito longo para o espaço de que podemos dispor.

*Santerre R. Somar* — A sua "Comparação", mal comparando... não serve.

*J. Silva, Eduardo J. Miranda, Agud, Carmen V., Ciumenta (Teu coração), Octacilio Godinho, Oscar P. Fontenelle, Anna Lima, M. Oliveira e Yvette Silva* — Os seus trabalhos não podem sahir.

*Mattos Gomes* — Muito gratos á sua gentileza, retribuimos com sinceridade.

*Maricota* — E' uma informação que não lhe podemos dar.

*Luiz B.* — Pelas indicações que nos mandou garantimos que será feliz. Deixe passar a tormenta.

*A. Lima* — Recebemos; quando chegar a vez será publicado.

*Miranda e Horta* — Agrada-nos muito a sua collaboração.

### Entre veranistas

— Senhorita, perde o seu tempo, neste riacho não é possivel pescar.

— Pois, meu caro Snr., no anno passado minha prima pescou aqui mesmo, entre os *lambarys*, o seu marido actual.

**COUPON**

**Torneio charadistico para moças.**

Voto no problema n.º

................................................

## Torneio Charadistico

***Premios:*** as duas decifradoras obtiverem maior numero de pontos e a autora do melhor trabalho.

### Problemas ns. 36 e 37

**Perguntas enigmaticas**

*Ao Orama.*

Olho-te o curso, rio socegado...
E o meu olhar teu seio mergulhando
Vae achando lembranças do passado
E saudades infindas despertando.

Aqui tão claro estás, tão claro e brando
Que me semelhas todo o bem provado...
Alli, em plumas d'agua te eriçando,
Rio, me lembras um trophéo sagrado.

Além, nuvens sombrias te escurecem.
E do teu seio, os vagalhões que descem
Falam das dôres fundas desta vida...

E eu te acompanho, o curso, amado rio!
E assim te vendo, calmo e ora sombrio,
Vejó a minh'alma em tudo reflectida...

Onde está a filha de Inacho?

***Roitelet.***

Qual o homem que é peixe?

***Farfalla Azurra.***

O primeiro torneio termina neste numero.

Publicamos abaixo o coupon para o voto de melhor trabalho, que deverá ser enviado a esta secção dentro dos prasos estabelecidos para a remessa de decifrações.

Tanto as collaboradoras como as apreciadoras da arte de Oedipo poderão votar.

Cada coupon representa um voto.

***Correspondencia.*** — *Mercês, Antonietta Mandarino* e *Pasquinha* — Acabaram-se os vossos trabalhos.

*Farfalla Azzurra.* (Espirito Santo) — Com immenso prazer recebemos a collaboração de tão distincta collega. *Melpomenes.* — Inscripta queremos vervos victoriosa.

*Junulino* (Petropolis). — A bella petropolina tem logar distincto em nossa secção. Por que não enviastes trabalhos?

*Zilda.* — Inscripta. Começastes bem! Todas as soluções estão certas.

*Roitelet.* — Deixa-nos muito captivo a distincção com que nos tratais.

*Cecilia Netto Campello.* Recebemos os trabalhos, que são bons.

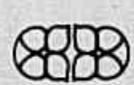
*Ailez* (Nictheroy) e *As Tres Graças* (Nictheroy.) — Recebemos as decifrações.

***Orama.***



**COUPON**

Torneio Charadistico para moças.

15—6—15

# PROSA E VERSO

## DEVANEIO

*A uns olhos castanhos e mysteriosos.*

Eu amo a solidão das cousas!... Aprecio, nas manhãs de Outomno, a barulhenta estrophe dos periquitos atravessando os ares!...

A solidão das selvas, esmaecidas ao longe no esqueleto brumoso das serrilhas, enleva-me e minh'alma chora os idylios do passado!...

Procuro amor... e o amor é um sonho, um desvaneio louco!...

O coração arrependido e triste deixa-se quêdar, emquanto o peito estala e arqueja, como a rôla, mal ferida, num vôo de Saudade!...

E assim mesmo, eu amo a solidão da vida!...

O amor, que tanto anceio, maltrata-me cruel, lembrando-me as tristes e inesqueciveis horas do passado.

Si amar é um crime, a prisão consola, na remissão da Alma!... *Magnolia Triste.*

## TEUS OLHOS

Aos negros e scismadores olhos do meu querido M. F. C.

Não creias nos olhos verdes
Por serem da côr do mar,
São olhos que sempre estão,
De instante a instante a mudar.

Nos olhos azues, não creias,
Mesmo os da côr do céo:
A's vezes o céo é puro
Outras, cobre-o negro véo.

Confia só nos olhos negros
De vivo e extranho fulgor,
Só n'elles vejo constancia
Só n'elles existe amor!...

*Magdala.*

## BOA PHILOSOPHIA

Conta Plutarco que um rico atheniense perguntou certa vez ao celebre philosopho Aristipo, que quantia este lhe exigia para educar seu filho.

— Mil drachmas, respondeu o philosopho.

— Mas é exageradissimo, replicou o pae; por esse preço compro eu um escravo.

— Pois faça isso, aconselhou promptamente Aristipo, que terá dois: o que comprar e seu filho.

*Auzemir.*

---

Para se julgar alguem, não basta saber o que elle fez, mas indagar antes, de nós mesmos:— Que fariamos em seu logar?

---

A mentira transforma-se em indeclinavel dever quando, em certas complicações da vida, ella entervem como unico elemento salvador.

## DE LONGE...

E' A ULTIMA hora do dia, é a hora da melancolia e da saudade! E' a hora do crepusculo, d'esse suave composto, equivoco, entre a noite e o dia, doce mistura em que a luz, a perder-se nas sombras e as sombras na, luz, povoa o espaço de uma agradavel duvida!... O ambiente trescala á violeta, perfume da saudade que punge e dilicia ao mesmo tempo emprestando á alma um mixto de suavidade e amargor.

D'aqui, d'este canto solitario, d'este recanto ensombrado e triste, d'aqui d'este retiro silente e amargurado, por onde vaga, perdida a minh'alma exangue de saudades, diviso uma nesga de céo azul, percursor de dias mais felizes, enrubescido a medo por tenuissimos flócos de arminho carminado, e ante a grandeza do painel, e ante a plenitude do panorama que a natureza me offerece pujantemente, eu a sonhar accordada, deixo *florir* o meu sonho doirado!...

E penso, medito que aquelle pedaço de anil, procreador das phantasiosas utopias, abriga um recanto da abençoada *Minas* — Barbacena — em cujo seio palpitam alguns corações bons, muito bons; onde ha uma alma d'entre todas, franca, muito franca, mas sincera, muito simples, mas altiva, grande!...

Onde ha um coração d'entre todos muito leal, cuja moldura são finas flores que desabrocham em sentimentros nobres; alma essa e coração esse que sabiamente se identificaram com minh'alma e com o meu coração!

.................................................

E o regato que passa proximo a meus pés geme quérulo e plangentemente e a cada queixume que desprende enflóro uma saudade doce, melancolica, muito terna e quédo-me horas esquecidas, a scismar, a scismar... de longe... de bem longe...

Rio, 23-9-915.

DYLA

## PARA O CEO!

Em charóla de luz, vejo-a subindo
Aos páramos celestes! Colhe estrellas
O regaço de neve! As tranças bellas
Vão soltas, nebulosas conduzindo!

Suas véstes tão brancas, tão singellas,
Tambem illuminadas, vão seguindo
Umas résteas de luz do céo fluindo
Ouro e saphyras derramando nellas!

Cai orvalho irisado em sua fronte!
Chove prata em filetes luminosos!
Eil-a transpondo os nimbos do horizonte!

—Meu amôr! os meus sonhos vão comsigo!
Em lembrança dos dias venturosos,
Seu coração não vai,.. fica commigo!

1915 *Valerio da Silva.*

## DEVANEIO

Vem, meu poeta, diz a musa, vamos
Buscar além o que te dê ventura,
Empunha a lyra e celeres corramos
Pela campina verdejante e pura.

Existe além um roseiral; vejamos
Lindas flôres de deslumbrante alvura,
Que perfume suave respiramos!
Nada ha mais bello e de maior candura.

Um marulhar suave da passagem,
D'um pequeno regato transparente,
Que beija as flôres que lhe estão na margem.

E sempre a musa acompanhando, vi
A natureza alegre e sorridente,
E a propria musa a suspirar por ti.

Rio — 1915 *Oscar Meira.*

## Correspondencia do "Jornal das Moças"

*Josios Larescos*— Realmente promettemos publicar o seu trabalho "Templo em ruinas", mas não tem havido espaço sufficiente disponivel.

*Eugeny* — Recebemos. Os trabalhos não estão máos, serão publicados. Dizemos ainda mais uma vez, com sinceridade, que a collaboração de V. Ex. nos honra muito.

*Nair Santelino* — O soneto está regular, mas terá que esperar que sejam publicados outros mais antigos.

*Ciumenta* — Servem os postaes. Não é caso para desanimar; estude os bons mestres e chegará a bom exito.

*M. Pinto* — Já temos publicado producções litterarias da senhorita «Magda» e vamos procurar agora o trabalho a que se refere.

*Elza G. N.* — O soneto "Esquece coração", offerecido a J. Pinto, não está em condições, precisa grandes retoques.

*Sylvia* — A carta dirigida á Dinorah, é muito pessoal e de assumpto intimo demais, por isso não publicamos.

*Archimimo*—Estão bons os «Versos a uma morta».

*Pecego*—Será publicado o postal.

*Beléo*—Está boa a sua «Ballada de Amor», dedicada a Magnolia Triste, que acreditamos ficará contente com a gentileza. Publicaremos no proximo numero.

*Junquilho Lourival* — O Sr. escreveu a lapis, e o resultado foi não podermos decifrar algumas palavras.

*Alvaro Correa S.*—Será bom que o cavalheiro procure ler os bons autores afim de evitar os cochilos na orthographia.

*Francisco Brando* — O soneto «Visão», não só deixou de obdecer á precisa distribuição das rimas entre os quartettos, como tambem está escripto em tres metros diversos. Assim não pode ser.

*Jeambete* — Porque não cultiva V. Exa. somente a prosa como faz com os seus postaes.

*Custodio Carvalho*—Si realmente o Sr. é um principiante os seus versos estão magnificos.

*Cicero Santos*—Si podesse melhorar um pouco o seu estylo, o seu trabalho seria aproveitavel.

*Hugo Matta*—Estão bons os sonetos.

*Lyrio* — A sua «Triste Sina» já nasceu com este triste destino : não pode ser dada á publicidade por ser frivolo de mais o assumpto.

*Lino*—Não lhe será possivel dar mais realce grammatical aos seus pensamentos ?

*Camelia Rubra*—O soneto «Meu coração» precisa de alguns concertos ; faça os remendos e volte.

*L. Pinto*—O seu estylo é confuso de mais para ser entendido, mesmo em verso, alguns dos quaes peccam por falta de metrica e de sentido.

*Lebasy*—Para uma carta de amor, assignada por cavalheiro, necessario é que no estylo seja mais cuidadoso.

*Rose d'Amour*—Bomsinho o soneto «Um desejo», fica esperando vaga.

*Hylda Thompson* — V. Exa. é muito impaciente; saber esperar é uma virtude...

*Americo José Rodrigues* — Recebido com especial agrado o illustre confrade.

*Oswaldo Muller*—Recebemos, vai á censura.

Lili, Nestor Gomes, Alfredo Goulart, Moacyr, Paulo de Mattos, Emma, Noemia Martins, Dalmei Silva, João Belmonte, Walkyria de Mattos Braga, Jambete, Dimisdinùs, Archimimo Caio (*Eu não te quero mais*), A. S. Ferreira, Arlindo M. Garcia, Bruno Briaréo, Beléo, Mand, Principe Ante, Odette P., Leonor Martins, Airam, Poroso e Hernani Aguiar— Servem e serão publicados.

*Y*—Só por curiosidade publicamos os seus versos, mas desejamos muito que a sua *Nympha* não lhe mande matar.

Eis a preciosidade :

C hrysallida dourada, estrella de brilhantes,
A stro que inveja causa aos mil do espaço infindo,
R elicario de dons que espargem san magia,
M elodia do ceu, mil estrophes de Dante,
E mblema do candor symbolisando o lindo,
N ympha!...manda matar-me antes que eu te ame um dia !

E' preciso coragem!...

## O MEZ DE OUTUBRO

POSTO que desde o tempo de Numa, Outubro seja o decimo mez do anno, conserva o nome que tinha no calendario albano, em que era o oitavo. Foi dedicado pelos romanos ao Deus Marte e por algum tempo chamado *Faustino* e *Invicto*, mas em pouco tempo lhe restituiram a primitiva denominação.

Nas pinturas antigas representavam-n'o pela figura de um homem ceifando trigo; mas, nas mais recentes, por um homem com uma cesta de castanhas e coberto com um manto de côr amarellada, alludindo ás folhas das arvores que começam a juncar a terra, cobrindo-a de uma côr pallida.

Neste mez entra o sol no signo de *Scorpio*.

Serão ambiciosos e amigos de conquistar posição elevada os homens nascidos neste mez e alguns o conseguirão, occupando logares em que se tornarão notaveis.

Serão bons maridos e paes amorosos

As mulheres serão excellentes donas de casa e boas mães, mas por causa de ciumes padecerão tormentos e trabalhos.

**(Lenda christã)**

Na Thuringia, na segunda metade do seculo XIII:

Izabel, esposa de Luiz IV, o landgrave, era a mulher mais bonita, mais virtuosa, mais santa que viveu nas terras do Danubio; carinhosa em extremo, boa e magnanima era o contraste vivo de Luiz IV, landgrave da Thuringia.

Um dia um miseravel camponez, caçador furtivo, roubou uma ovelha do rebanho do despota e foi condemnado á morte. A mulher do ladrão foi á presença do tyranno e disse:

—Senhor! meu marido roubou a ovelha que desgarrara do rebanho porque os meus filhos morriam. Na cabana do deserto onde moramos, esburacada e arruinada, trementes de frio e de fome, os meus filhos agonizam... Vim pedir a clemencia para o ladrão.

Carlinhos, querido filhinho do sr. Antonio da Silva Campos, estimado commerciante nesta cidade

O landgrave negou.

Com muito custo a esposa do camponez chegou á presença de Izabel, a santa. Renovou o pedido que Luiz IV lhe negara.

A princeza, commovida e triste, dos seus aposentos magnificos desceu á sala do julgamento, onde o componez já sentia no pescoço o baraço do supplicio; a execução suspendeu-se com a inexperada vida da augusta senhora.

O interessante Gustavo (Bijujú) que passou a 26 do mez findo o seu primeiro anniversario

Despojando de si as vaidades que podia ter, de esposa do landgrave de Thuringia e princeza hungara, com aquella humildade que a caracterisava e que faz della—uma princeza da terra, uma santa no cèo —ajoelhada como o mais infimo dos vassallos, Izabel pediu o perdão, o mesmo perdão que Luiz IV já tinha negado.

Luiz IV amava a esposa e vendo-a tão humilde e tão linda, não teve coragem de negar a clemencia solicitada...

Perdoou... Perdoou com a condição de que em logar do ladrão seria enforcado aquelle que lhe desse abrigo, que lhe extendesse a mão caridosa.

Os filhos do camponez sentiam fome; choravam. Mas todos os que por lá passavam não tinham coragem de bater na porta da casa estigmatizada e levar para as arcas vasias um pedaço de pão e de carne.

Passaram-se alguns dias; alimentando-se mal de raizes de arvores ou de sobejos que os subditos do despota atiravam fóra, a familia desgraçada, com o inverno que chegava forte, percebia tambem a hora da agonia dolorosa dos que morrem famintos.

Vendendo as joias riquissimas da sua familia, Izabel comprava alimentos e vestuarios que distribnia aos pobres.

Um dia destinado a essa distribuição afastando-se das aldeias proximas, a princeza avistou a cabana do camponez perdoado.

Lembrou-se da condição que o landgrave impoz, mas não podendo resistir aos impulsos do seu coração caridoso, entrou na casa e deu as ultimas fructas que trazia.

Nisto soaram as trombetas dos batedores do principe que andava á caça.

A cavalgata approximou-se da cabana e pelas frestas da janela Izabel percebeu que o marido tencionava entrar.

Tornou a guardar no alvo avental de linho bordado as fructas, resolvida a mentir pela primeira vez confiante na delicadeza do esposo, incapaz de uma violencia contra ella, de querer desmentil-a.

E quando elle chegou, colerico, perguntando o que ella tinha guardado no avental, respondeu:

—São flores; são rosas que eu andei colhendo pelo caminho, para eu adornar o oratorio da Virgem; são rosas, senhor...

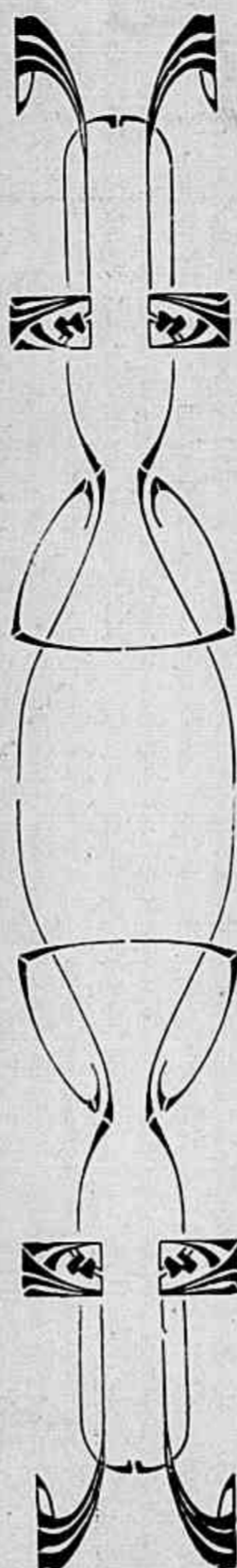
Luiz IV não acreditou e tomado de um furor irreprimivel, pegou no avental, arrancando-o.

E o chão atapetou-se... de rosas azues, vermelhas, louras, brancas, as rosas cobriam o chão.

Izazel volveu os olhos azues para o azul desbotado do cèo, pedindo perdão da sua primeira mentira e agradecendo o seu primeiro milagre.

Fernandinho e Ernesto, sympaticos filhinhos do sr. Fernando Filippe de Carvalho, industrial nesta cidade.

*Francisco Marins*

Os interessantes meninos, Antonio, José e Miguel, filhos gentis do Sr. Bernardo Ribeiro Saraiva, de Campinas

Cecilia Netto Teixeira, photographia tirada por occasião de sua primeira communhão
E' tambem uma das nossas sinceras admiradoras

## INFANCIA

Para o estudioso Romero Couto

Infancia — é a fresca aragem,
que a tarde vem soluçar...
E' a mimosa borboleta,
que no vergél vês voar...

Infancia — são melodias
d'uma harpa bem afinada...
E' o som ameno d'orchestra
dos trinos da passarada...

Infancia — são os afagos,
que caros entes nos dão.
Infancia — é uma roseira
pequenina, sem botão...

Infancia — são meigos dias,
que a mocidade devora.
Infancia — é a quadra bella
que todo poeta chora!...

*Armando Verçosa.*

Albanito Diniz Gonçalves, filho do engenheiro civil Alpheu Diniz Gonçalves, residente na Bahia. Seis annos de idade.

## Scena domestica

Sentada em sua cadeira
Tendo a cartilha na mão
A Mimi, linda e faceira
Estuda a sua lição.

Ao lado a mãe, costureira,
De pé exerce a profissão,
Cose um vestido, ligeira,
Para uma grande "funcção."

Preparam lá dentro a ceia
E a vóvó sergindo meia
Bufa de tanto calôr.

Emquanto isto a pequerrucha,
Tendo no colo a boneca,
Solettra a palavra — Amor.

*Moacyr.*

# A MEUS FILHOS

Napoleão, aquelle vulto historico que assombrou o mundo com o seu saber, a sua energia, que era invencivel e luctou contra a Europa inteira, continúa hoje como um expoente para a mocidade que deseja saber, luctar e vencer.

Traduzo e aqui transmitto algumas das suas maximas aos meus filhos e a um outro benevolente leitor, que por acaso leia esta secção e que poderão seguir os seus conselhos:

— A arte de ser tanto audacioso como prudente é a arte do vencedor.

— Eu tenho o habito de pensar tres ou quatro vezes antes de qualquer emprehendimento, e calculo sobre o passado.

— Quando se quer fortemente, constantemente vence-se sempre.

— Só se obtem grandes resultados sabendo concentrar-se inteiramente sobre um objecto, marchando e rompendo todos os contratempos para alcançar esse objecto desejado.

— Eu trabalho sempre e medito muito...

— Si eu estou sempre prompto a responder ou providenciar em tudo, e fazer face a tudo, é que, antes de nada emprehender, meditei longamente e previ aquillo que devia acontecer. Não é um genio que me revela, de prompto, em segredo, aquillo que devo fazer ou dizer em inesperadas circumstancias para outros; é a minha reflexão, é a meditação. Eu trabalho sempre; jantando, no theatro; á noite, acordo para trabalhar.

— E' a verdade, o caracter, a applicação que me fizeram aquillo que sou.

— Tudo é problema na vida, é por caminhos conhecidos que se alcança o alvo desejado e desconhecido.

— Quando se conhece o fim desejado, onde se quer chegar, com um pouco de reflexão, os meios apparecem facilmente.

— Não ha necessidade de publicar aquillo que se quer fazer, onde, antes ou no momento de executar.

— As pessoas que hesitam não vencem nunca.

— E' por sua culpa si o trabalho não rende, retire todas as difficuldades que encontrar que será vencedor.

Devem notar que Napoleão nessas maximas, não ensina a perder o tempo que é tão precioso, a edificar no ar, a correr atraz da propria sombra nem a medir os saltos das pulgas.

E' preciso, pois, ver claro e andar de pressa, se não quizerem chegar atrazados e serem sempre dos ultimos em todos os emprehendimentos da vida.

Cada um por si, concentrando o pensamento com persistencia inalteravel ao trabalho, á lucta, para vencermos todas as difficuldades que apparecem aos meus projectos, mal amparados, em descobrir e conquistar, para os filhos, um futuro melhor na posição social que occupo.

Rogo lerem com attenção, duas ou tres vezes o que deixo escripto.

**Octavio Denys.**

**A' sombra das arvores**

## Uma vantagem

— Quantos annos tens ?
— Oito, e você ?
— Oito tambem, mas para o anno faço nove.

## Os meninos terriveis

— Que lindos dentes tem a Sra. São seus ?
— Certamente.
— Os de mamãe tambem e lhe custaram 30$ cada um.

# AS CREANCINHAS

A' minha querida Margarida.

Gosto muito das creancinhas. Vendo-as, torno-me alegre, pegando-as, sinto-me feliz. Se as beijo, então, não sei explicar o quanto alegre e feliz me sinto! Parece que a minha alma vive nas almas dellas, tal é a predilecção que tenho por seus encantos. Os seus encantos!!... E quaes são os encantos das creancinhas?... Oh! tantos!... Em seu sorriso, no desprender dos labios no primeiro gésto do mais delicado riso, está a graça, a verdadeira graça. Em seu pranto, no tombar vagaroso da mais crystalina lagrima, está a belleza, a mais pura e sã belleza. Em seus gestos, no mais terno articular do mais debil membro, está a delicadeza na sua unica e real fórma. Na graça, belleza e delicadeza, se reunem os encantos das creancinhas, que as tornam um mimo de meiguice.

Umas têm o olhar brando e triste, outras o têm vivo e alegre. Por que? Qual a razão de tanta tristeza no olhar de algumas creancinhas? Será porque já sentem, ou porque antevêm por além dos annos que se desdobram em sua frente, um futuro infeliz?... Mysterio... Se ainda fallassem, ellasinhas, ou comprehendessem, talvez pudessem dizer-nos, talvez nos fizessem sentir... Mas... si fallam, não comprehendem, se comprehendem, não nol-o dizem...

Oh! como tenho pena das tenras creancinhas, como as quero e como as amo!

Penso nellas como penso em meu amor. Quizera sempre viver ao lado dellas, eternamente a vel-as, beijal-as indefinidamente. Felizes mães as que possuem filhos pequeninos que beijam e enfeitam a cada momento!

Adoro as creancinhas quando vivas e respeito-as quando mortas. Vivas, eu encho as suas faces de caricias; mortas, eu cubro o seu caixão de flores. Emquanto vivas, são mimosos entes; depois de mortas, são pequeninos anjos.

O lar onde haja uma creancinha que, em tudo bulindo, em tudo mexendo, tudo desarrumando, graciosamente, é um lar feliz, um lar bemdito, um lar santo. Onde quer que a sua voz se faça ouvir, óra numa gargalhada, óra num choro, havemos de forçosamente encontrar a alegria.

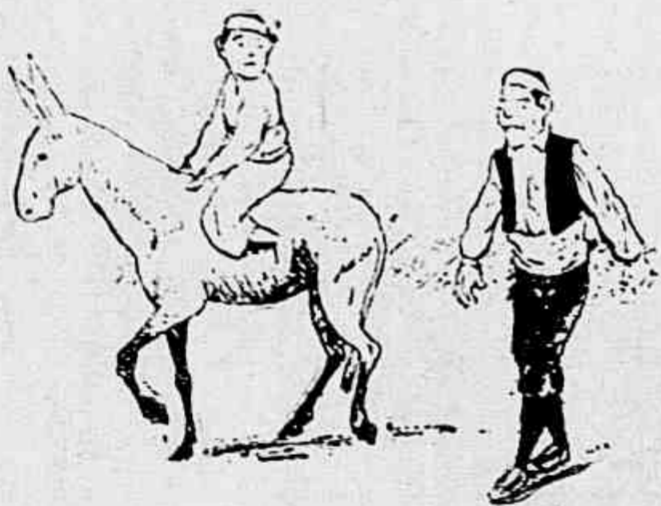
E é por isso que eu estimo as creancinhas e lamento que um dia tenhamos de nos privar dellas, quando morrer.

E quando sentir que a vida me abandona e foge de mim, eu hei de chorar muito, muito, não com pezar de deixar o mundo, a propria vida, ou as flores, mas porque terei de separar-me das creancinhas, das quaes levarei uma enorme, uma immensa saudade.

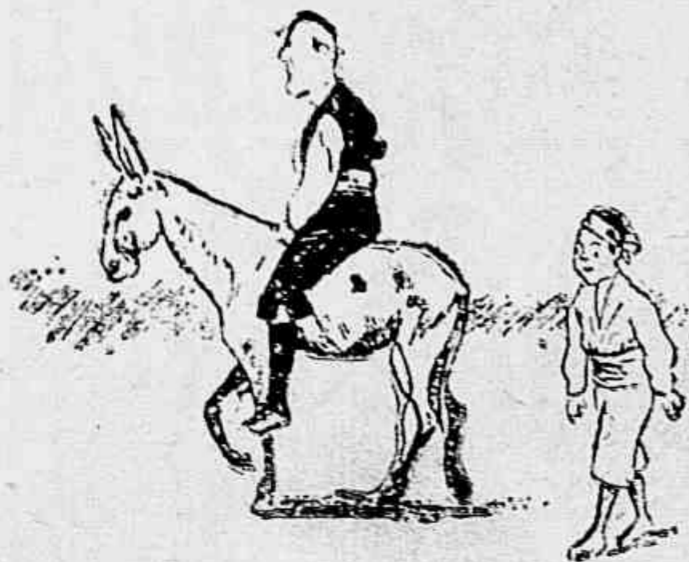
**De A. e Sza.**

Rio — Agosto, 1915.

## O VELHO, O RAPAZ E O BURRO

**Antigo conto que resolvemos offerecer aos amiguinhos e leitores que muito amavelmente nos enviam alvitres e conselhos**

I

Iam pela estrada fóra, um burro, um rapaz e um velho. E como outros caminhantes viram o pequeno cavalgando o lombo do burro, e o velho andando por seu pé, disseram:

—Parece mentira. O rapazola, que tem as pernas rijas, vae montado, e o pobre velho vae andando.

II

Apeou-se, então, o rapaz e subiu o pae ou o que quer que era. Vendo o quê, disseram uns arreieiros:

—Que pouca vergonha de homem. O mocinho á pata e o tio canastrão no burro.

III

—Anda cá, rapaz,— disse o homem,— sobe para a garupa e agarra-te a mim. Assim já não dizem mal de nenhum.

Mas a gente que os via, ia dizendo:

—Coitado do que vae por baixo! Ter de carregar com dois! Arre! que ainda são mais burros do que elle!

IV

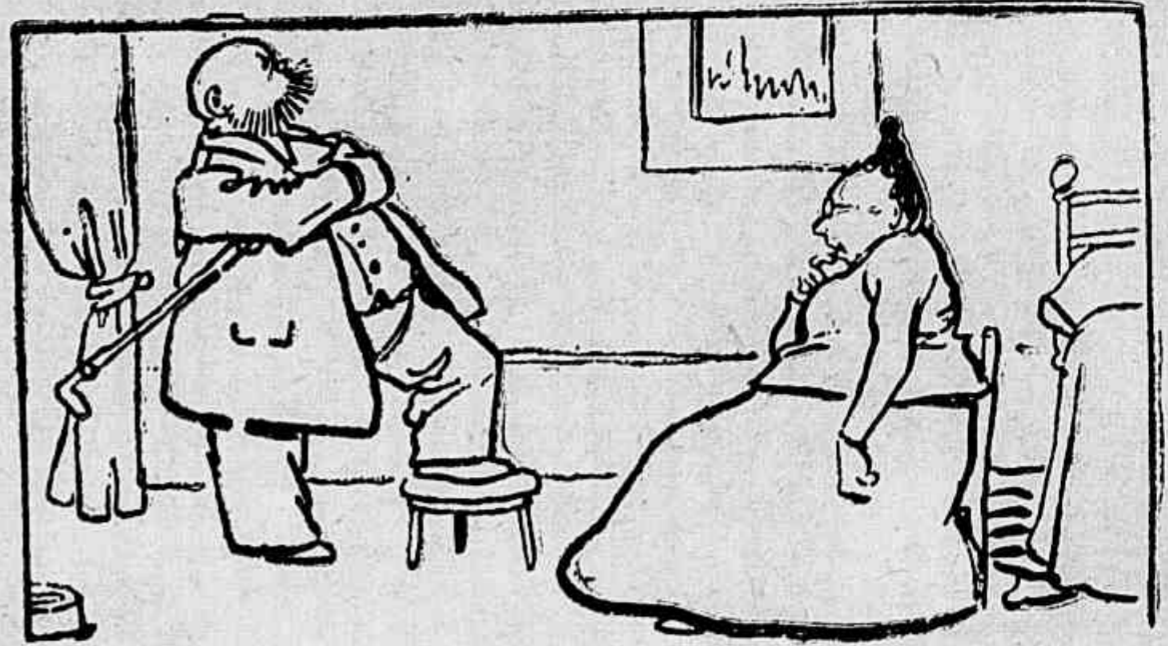
—Apeia-te lá, e eu tambem salto para o chão. Vamos andando, —disse o dono do burrico, não sabendo já que fazer.

Pensam, talvez, que evitou assim as murmurações?

Pelo contrario. Os que os viam suando e cheios de pó, exclamavam:

—Safa, que animaes! Para que quererão elles o burro?

# :: :: O Sr. Fagundes, domador de féras :: ::

O Sr. Fagundes um velho roceiro, de passagem na Capital, foi assitir ao espectaculo em um circo onde um destemido domador de feras entre outras proezas ;subjugava e dominava um tigre de Bengala e ficou impresionado...

Quando voltou para o hotel em que estava hospedado o Sr. Fagundes, enthusiasmado contava á sua mulher D. Genoveva o que tinha visto.

Emquanto D. Genoveva esperava uma chicara de café que tinha pedido ao criado do hotel, o Fagundes, para explicar melhor a scena que o impressionara, pegou uma pelle de tigre que servia da tapete de sala e collocou-a sobre D. Genoveva.

O Fagundes começou a gritar, a gritar tal como fazia o domador para atemorizar a féra.

E tanto se ent husiasmou que completamente arrebatado ia mettendo o pau na mulher, que escondida na pelle do tigre, procurava defender-se como podia.

Quando o criado entrou trazendo a bandeja com o café, pensando que effectivamente D. Genoveva era um tigre tomou um grande susto, emquanto o Fagundes continuava a *malhar* a pobre mulher.

O criado, apavorado, com os cabellos eriçados, correu a avisar aos patrões e companheiros o que se passava e o Fagundes continuava a *trabalhar* para dominar o tigre.

E quando os empregados do hotel subiram medrosos para matar a *féra*, encontraram o Fagundes já victorioso dominando a féra!

#  DE TUDO UM POUCO 

## O leite—Como deve ser tomado

O leite que é usado e aconselhado em grande escala pela moderna medicina como tonico, como alimento de facil digestão e até mesmo, como remedio nas affecções renaes, deve ser tomado obedecendo algumas prescripções determinadas e que vamos indicar.

Deve ser usado frio, morno ou quente, aos goles, retendo-o na bocca como quem mastiga, afim de ser atacado pelos fermentos da saliva.

Jamais bebel-o como agua, pois o leite não é uma bebida e sim um alimento.

A quantidade a se tomar de cada vez não deverá ser de mais de 300 grammas, e só tres horas depois deve esta dose ser repetida.

Os cardiacos, os renaes não devem tomar mais de dois litros em 24 horas.

Quando o leite não é bem tolerado, ajunta-se a cada litro meia gramma de chlorureto de calcio, que tem a vantagem de desaggregar o coagulo e augmentar a digestão.

Quando produzir a constipação (prisão de ventre) ajunta-se uma colherinha de magnesia calcinada por litro.

E si produzir tympanismo (barriga inchada) tome-se em cada copo de leite uma colher das de chá, do seguinte:

| | |
|---|---|
| Fluorêto de amonio ..... | 0,10 grs. |
| Agua .................. | 200 grs. |

Estes conselhos não são para desprezar.

◆◆◆

## Macieira gigante

Em uma chacara particular em Cheshire (Estados Unidos) ha uma macieira gigante, a que a tradição attribue duzentos annos de existencia, ainda que pareça ser maior sua antiguidade.

A extraordinaria arvore tem forma absolutamente regular e se divide em oito ramos principaes, cinco dos quaes dão fructos em um anno e os outros tres fructificam no anno seguinte.

Esta arvore produziu em um anno 52 hectolitros de maçãs. O seu tronco tem 5,m30 de circumferencia a 35 centimetros acima do solo. O galho mais grosso tem 3 metros de circumferencia. A altura deste colosso é de 25 metros e a ramagem cobre um circulo de 40 metros de diametro. Os fructos, entretanto, são pequenos e pouco saborosos.

◆◆◆

## Cinco fortunas em oito mezes

Os jornaes norte-americanos noticiaram como muito curioso o caso de uma moça natural do Estado da California, chamada Dulcie Farr, que herdou nada menos de cinco fortunas em oito mezes.

Miss Farr, que conta apenas 18 annos de idade, era redactora da secção de modas de uma revista na cidade de S. Francisco, quando morreu-lhe uma tia na cidade de Tampa, deixando-lhe uma herança cuja renda era de uns dois contos de reis por anno.

Dulcie fez-se de viagem para tomar posse da herança e ao saltar do trem recebeu um telegramma participando-lhe que tinha fallecido um primo seu e que lhe deixava toda a fortuna.

Dois mezes depois herdava Miss Farr uma outra fortuna cuja renda era de 4.800$000 por anno, deixada por uma irmã de sua mãe e no setimo mez um velho amigo de seu pai legava-lhe reis 60.000$000.

Com tanto dinheiro não tardou muito em encontrar um noivo rico, chamado Brue, com quem se casou, mas poucas semanas depois do casamento morreu-lhe o marido e ella recebeu 200.000$000, dote que o esposo lhe tinha feito.

◆◆◆

## As mãos

Mãos bonitas nunca passam despercebidas. A cada instante contrahimos novas dividas para com as nossas mãos. As mãos rosadas e sempre bem cuidadas têm inspirado mais de um poema.

A mão deve participar da massagem local, cuja utilidade é dar elasticidade aos musculos e conservar a firmeza dos tecidos.

Quando se sinta cançaço ou picada nos dedos deve-se fazer uma massagem delicada com oleo de amendoas.

Para adelgaçar os dedos, comprime-se cada um delles com o pollegar e o indicador, como si se estivesse descalçando a luva fazendo depois uma massagem até as extremidades; é um meio seguro de tornal-os finos. Ha pinças especiaes que se utilisam para modificar a forma dos dedos, corrigindo-lhes os defeitos.

A' noite se deve fazer uma massagem, applicando-se um emplastro de amendoas, si as mãos estiverem asperas e vermelhas, e pôr as luvas em seguida.

◆◆◆

## Banhos de formigas contra o rheumatismo

Os camponezes da Russia, especialmente os dos arredores de Moscow empregam um systema muito curioso para curar o rheumatismo: tomam banhos de formiga.

Elles preparam estes banhos do seguinte modo: procuram um formigueiro, apanham as formigas, os ovos e certa quantidade de terra do mesmo formigueiro, mettem tudo isto em um sacco e amarram bem á bocca para que não se escapem as formigas.

Depois chegando á casa, põem o sacco em um banho d'agua quente, a qual em pouco tempo adquire o cheiro caracteristico do acido formico e então banham o enfermo.

Este banho exerce uma acção irritante muito energica sobre a pelle, constituindo uma especie de derivativo que faz desapparecer as dores rheumaticas.

Si alguns dos nossos leitores quizer experimentar as virtudes therapeuticas deste banho deve ter presente que não convem demorar muito tempo na agua de formigas, porque poderá irritar tanto a epiderme tornando-se assim contraproducente.

##  RECEITAS

### Lingua á romana

Uma ou duas linguas seccas, escaldam-se e lavam-se bem, depois fervem-se 30 a 40 minutos em uma cassarola com um caldo de vinho do Porto bom, cebolla, tomate, salsa, aipo e hortelã.

Cortam-se em tatias finas e prepara-se um pouco de salsa romana na qual se põem as fatias, na occasião de servir.

O mesmo se pode fazer com linguas frescas.

◆◆◆

### Conserva appetitosa

Escolham-se pepinos verdes e pequenos, cebolinhas, vagens tenras, couveflor, cenouras, pimentas e pimentões, lavem-se bem em agua fria e depois coloquem-se em vasilha afim de ir ao fogo tomar uma fervura. Depois de frios, enchem-se vidros de bocca larga com estes fructos, sem agua alguma; sobre elles derrama-se vinagre superior. Estes vidros devem ficar bem arrolhados e a conserva será servida após quinze dias de infusão.

◆◆◆

### Batatas recheiadas

Tomem-se batatas de tamanho grande e igual. Descascam-se e cortam-se pela metade, fazendo um ôco no meio, em forma de taça. Pizam-se dois ovos duros, passados por agua, e misturam-se com uma colherada de sumo de cebola, duas de salsa picada e uma de manteiga derretida. Remexe-se tudo muito bem, e em seguida bate-se-lhe dentro um ovo. Accrescenta-se qualquer classe de carne picada, o sufficiente para fazer uma massa compacta. Enchem-se os vacuos das batatas, cobrem-se com pedacinhos de pão e queijo ralado, e põem-se ao forno. Servem-se com môlho de tomate.

◆◆◆

### Pudim "Amarra-marido"

Dois pires de batatas doces, cozidas e peneiradas; 1 pires, mal cheio, de farinha de trigo, leite dum côco, 1 chicara (mal cheia) de manteiga, 6 ovos, as claras são batidas separadas. Bate-se tudo bem, unta-se a fôrma com a calda queimada ou manteiga, e leva-se para cosinhar em forno quente.

Quando estiver prompto, podem crêr... que o marido está amarrado...

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14